

DEP. JULIÃO NA ABI: CAMPANHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA

A 15 DE setembro, num verdadeiro comício que foi o ato público na ABI, o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional lançou a Campanha Agrária. Sob a presidência de honra de Francisco Julião, a Campanha tem como presidente o general Artur Carneiro. Teve início assim uma nova etapa na grande luta que vem sendo travada pelas forças progressistas do povo brasileiro pela mais importante das medidas destinadas a introduzir modificações radicais na estrutura econômica do País. Chamamos a atenção do leitor para a reportagem sobre o ato que vai publicada na 8.ª pág.

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO III

Rio de Janeiro, semana de 22 a 28 de setembro de 1961

Nº 137

Um programa para fazer o homem feliz

NOVOS RUMOS publica hoje um suplemento que acompanha esta edição. É a nossa contribuição para a divulgação do mais grandioso programa já elaborado pelo homem para tornar o homem feliz: o projeto de Programa do Partido Comunista da URSS documento que traça os caminhos da construção da sociedade comunista.

CARIOCAS EXIGEM EXPULSÃO DE LACERDA DO GUANABARA

TEXTO NA 6.ª PÁGINA

Glezes deve ser libertado

Aplicação do Centralismo Democrático

20.000 PESSOAS NO COMÍCIO DA VITÓRIA

Texto na 5.ª página

Art. de Glecondo Dias na 4.ª pág.

PADRE LAGE: LIBERTAR A IGREJA DO CAPITALISMO

O PADRE LAGE era bastante conhecido em Minas Gerais, sobretudo nos bairros pobres de Belo Horizonte. Seu nome projeta-se agora nacionalmente com a sua afirmação categórica em favor da unidade de ação entre católicos e comunistas. Ex-professor de teologia dos seminários de Mariana e Salvador, o padre Lage é hoje vigário de um dos mais populosos bairros da capital mineira. Em contato direto com os problemas do povo, chegou ele à conclusão de que o marxismo é o humanismo tal como o sonharam sempre os autênticos cristãos. O sacerdote católico se pronuncia vigorosamente por que a Igreja seja desatrelada de sua aliança fatal com o capitalismo. Leia na pág. 3.

Entreguismo não pode continuar

Texto na 3.ª pág.



DEPOIS DA TEMPESTADE

Orlando Bomfim Jr.

AO TRANSMITIR ao general Osvaldo Ferreira Alves o comando do I Exército, o general Nestor Souto de Oliveira fez um discurso de defesa do marechal Denys (na verdade em defesa da tentativa golpista), no qual afirmou que «a tempestade passou», estando o presidente da República concorrendo para o «pronto retorno da harmonia da família brasileira, a tranquilidade da vida nacional».

SIM, a tempestade passou. Mas, e os estragos causados? E a responsabilidade dos que desencadearam a tormenta? E o céu estaria mesmo limpo de qualquer nova ameaça?

ESSES SÃO os problemas que permanecem na preocupação do povo e exigem não apenas resposta, mas também solução. Os golpistas, durante os dias da crise política, praticaram os mais graves crimes. Atingiram os direitos individuais dos cidadãos, que foram espinhados por todas as formas, como se vivessem num país sem lei. Rasgaram, de fato, a Constituição da República, implantando, principalmente no Estado da Guanabara, o regime do arbítrio e da violência. E não ficaram só nisso, porque atentaram também contra a nação, procurando impor-lhe uma tirania militar a serviço dos interesses da política colonialista e de guerra dos círculos belicistas dos Estados Unidos.

DURANTE 15 dias o país foi duramente golpeado. Sua economia foi dessangrada com a emissão forçada de 50 bilhões de cruzeiros. E aí estão os efeitos, com a carestia subindo a jato, a população com seu poder aquisitivo reduzido e suas privações aumentadas.

COMO DEIXAR impunes os responsáveis por tantos e tamanhos crimes? Seria uma demonstração revoltante de insensibilidade ante os sofrimentos impostos ao povo.

POR OUTRO lado, além da punição dos criminosos tornam-se necessárias medidas que os impeçam de sequer tentar repetir os crimes que já praticaram. A ver-

dade é que o dispositivo militar que serviu aos golpistas ainda não foi desmontado. As armas continuam, assim, nas suas mãos. E a experiência já mostrou de sobra, nos últimos anos, que eles não abandonarão seus sinistros intentos. Aguardam apenas o momento que considerem oportuno. Agora, fingem de mortos, como se costuma dizer. E são protegidos por uma campanha publicitária dirigida exatamente pelos jornais que estiveram sempre a seu serviço, como «O Globo» e o «O Estado de São Paulo», que pregam ter chegado a hora da «pacificação», da «congregação geral», devendo-se passar uma esponja no que ocorreu nos dias de crise. Pretendem, na realidade, manter suas posições, para desferir o novo ataque, para atrair a democracia e submeter o país à ditadura mais reacionária e antinacional. Foram derrotados. Não querem agora ser desalojados a fim de que possam preparar outra ofensiva.

O GOVERNO tem sido vacilante nas medidas a tomar contra os golpistas. Essa vacilação não corresponde aos interesses da defesa da democracia nem aos sentimentos das massas. Mais do que uma omissão em relação ao que se passou será um injustificável erro político em relação ao futuro do país. A luta contra os que pretendem interromper o processo democrático não está terminada e nem terminará por qualquer espécie de conciliação. Pois a conciliação no caso é impossível, como é impossível a conciliação entre uma força que impulsiona para a frente, para o avanço, para o progresso, e outra força que quer arrastar para trás, para o retrocesso, para o atraso. Nosso povo, nos dias de crise, soube levantar-se para impedir a ação dos golpistas. É o momento de prosseguir a luta pressionando o Parlamento e o governo no sentido de que os golpistas sejam responsabilizados e punidos pelos crimes que praticaram e desalojados das posições que ainda ocupam. A tempestade passou. Mas os que a provocaram devem responder pelos danos causados. E não se pode permitir que venham a provocar outras tormentas.

O PEDIDO de "impeachment" do governador Carlos Lacerda vem sendo referendado pelo povo carioca, vítima de sua incapacidade administrativa e de seu terrorismo policial, através de mensagens e memoriais à Assembleia, exigindo o prosseguimento da medida, e nas ruas, nos comícios (na foto o deputado Herculano Correia dirige-se à grande massa concentrada domingo à noite no Largo da Machado) quando reclama igualmente exemplar punição para os militares fascistas que chefiaram a fracassada tentativa de golpe. Leia reportagem na 6.ª página.

Lacerda se apropria de dinheiro alheio

Texto na 6.ª pág.

HOMENAGEM A GARCIA LORCA

INTELLECTUALS artistas e diversos organizações populares homenagearão, dia 25, às 20.30 horas, com um ato público no Teatro Tuleia (rua Alameda da Guanabara), a memória do poeta espanhol Garcia Lorca, assassinado pelas forças fascistas de Franco em 1936. Na ocasião as atrizes Maria Fernanda e Yara Sales declamarão poemas do autor de «Romancero Gitano».



Reajustamento Imediato de Salários e Vencimentos

Nilson Azevedo

Mais de um milhão de trabalhadores da indústria, do comércio, dos transportes, dos serviços federais e autárquicos e de todos os demais setores da atividade nacional conseguem a ser mobilizados para a maior e mais vigorosa campanha por reajustamento de salários e vencimentos, que já se realizou no país.

Essa é o resultado da onda inflacionária que sufoca a economia popular. Os 36 bilhões de cruzeiros emitidos no governo Jânio Quadros, e os 52 bilhões sacados da Caixa da Moeda durante a recente crise política, agravam terrivelmente o custo da vida. Aperta-se cada vez mais o círculo de fome que envolve os milhões de homens e mulheres que vivem de salário em todo o território nacional.

E' cada vez mais desesperador a situação dos assalariados e do funcionalismo. O ordenado que recebem parece dissolver-se em suas mãos como sorvete, tal é a desvalorização do dinheiro, ante os aumentos quase que diários dos preços dos gêneros alimentícios, dos transportes, do vestuário, etc. Logo que decretado, o salário de 9.600 cruzeiros, dava muito mal, para pagar um quilo de pão a 40 cruzeiros (preço de ou-

tubro de 1960), mas não dá para pagar o mesmo pão, hoje, a 62 cruzeiros. Dava para comprar um quilo de feijão a 35 cruzeiros, mas não dá para comprar o mesmo feijão, que hoje custa 62 cruzeiros o quilo.

Tanto os trabalhadores da indústria, do comércio, dos transportes, etc., como o funcionalismo, percebem a inflação, e mesmo que percebem hoje, não sabem o quão da carne verde custava 140 cruzeiros e hoje, custa 240 cruzeiros. Tudo subiu de preço. Aos trabalhadores só resta uma solução imediata: a luta para reajustar os seus salários e vencimentos. A luta contra a fome. A luta contra a política econômica e financeira do governo, que lança todo o peso da miséria e toda a sorte de dificuldades sobre os ombros dos trabalhadores, e suas famílias, enquanto se torna cada vez mais nabesca a vida dos homens de negócios, dos grandes industriais, banqueiros, comerciantes e políticos inescrupulosos.

MOBILIZAÇÃO

Os trabalhadores brasileiros, que acabam de sair vitoriosos de uma grande batalha política — a batalha

pela legalidade democrática — começam a ser mobilizados, de um modo geral, para a imediata campanha pelo reajustamento do salário mínimo, do salário profissional e dos vencimentos. Alguns setores já se encontram em plena campanha; outros, como o dos metalúrgicos cariocas, dos marceneiros, etc., já conseguiram reajustar os seus salários. Mesmo estes, porém, participaram da campanha, reclamando uma complementação, porque nenhum salário, em todo o território nacional, está atualizado. Tal a velocidade imprimida no processo da elevação dos preços das mercadorias e das utilidades, velocidade que os aumentos salariais jamais conseguiram alcançar. O que é pior, entretanto, é que o aceleramento da onda inflacionária ameaça deixar muito para trás os salários dos trabalhadores, reduzindo o seu poder de compra a zero, praticamente.

Os trabalhadores brasileiros e os servidores federais e autárquicos não podem permanecer com os mesmos salários e vencimentos que percebiam em fins do ano passado, quando as próprias estatísticas oficiais, embora timidamente, reconhecem e atestam a descomunal elevação do custo da vida, nos últimos 8 meses. As estatísticas do IBGE revelam, nes-

se sentido, que de dezembro de 1960 a agosto deste ano o custo da vida subiu, na Guanabara, 19,3%. Revelam, as mesmas estatísticas, que, ainda nesse período, o acréscimo nos preços da alimentação foi de 19%. Note-se que, depois desse estudo, já os preços do pão, do açúcar e de outros produtos tiveram novos aumentos, fato ocorrido no mês corrente, por deliberação da COFAP.

Os mesmos estudos parciais do IBGE atestam que o preço dos elementos de vestuário subiu de 31%; nos alimentos, de 11,2%; dos móveis e utensílios, de 18,3%; dos artigos de farmácia, e higiene, 17,1%; dos serviços pessoais de 30,4%; dos serviços públicos, de 15,6%. Mas o carioca sabe que a passagem do bônus subiu de 60%; dos ônibus 30% (e vai subir mais); e as taxas de luz, gás e telefone subiram em proporções que variam de 25 a 30%. As conclusões do IBGE sobre a alta dos preços dos serviços públicos, para a Guanabara, não correspondem, nem de longe, à realidade. Como não correspondem, de um modo geral, as referentes aos demais itens.

COORDENAÇÃO DA CAMPANHA

A campanha pelo reajustamento dos salários e vencimentos, para obter êxito, terá de se desenvolver de

maneira coordenada, em todo o território nacional, reunindo, no seu comando, os delegados de todas as entidades representativas dos trabalhadores e dos empregados nos serviços públicos. Com essa compreensão é que os dirigentes sindicais de todo o país, bem como os líderes dos servidores federais e autárquicos, incluindo os marítimos, portuários, e ferroviários, encontrar-se-ão no Estado da Guanabara, na primeira quinzena de outubro próximo, para realizarem o III Encontro Nacional dos Dirigentes Sindicais.

Esse encontro deveria ser realizado na Cidade do Salvador. Mas os últimos acontecimentos nacionais levaram os líderes sindicais a transferir-se para a Guanabara, o que foi feito com a anuência dos dirigentes sindicais locais.

Na Guanabara, os mais legítimos representantes dos trabalhadores e dos servidores federais e autárquicos de todo o país deverão estudar e adotar normas para o início e desenvolvimento da campanha pela revisão do atual salário mínimo, pelo reajustamento dos salários profissionais e pela decretação de novos níveis de vencimentos para o funcionalismo.

CONTENÇÃO DA CARESTIA

Como se sabe, o salário mínimo atual, de 9.600 cruzeiros, na Guanabara, entrou em vigor em 18 de outubro de 1960. Os atuais níveis de vencimento do funcionalismo, também estabelecendo o mínimo, (nível 1), em 9.600 cruzeiros, entraram em vigor em 1º de dezembro de 1960. Ambos estão inteiramente superados pela elevação brutal no custo da vida e precisam, por isso, ser imediatamente reajustados. Daí a razão do entendimento entre os líderes sindicais e dos "barnabês", para o desenvolvimento coordenado da campanha pela elevação de salários e vencimentos.

AVISO AOS LEITORES

Tem os recebido numerosas cartas e pedidos de leitores que reclamam o número 130 de NOVOS RUMOS. Devemos, entretanto, explicar, que durante a crise editamos vários números extras, entre eles um que saiu com o número 129, quando na realidade deveria ser o 130. Assim, para os colecionadores, NR tem duas edições com o número 129, e não tem o 130.

travando nestes últimos anos, e pela elevação do seu nível de organização e de unidade, o movimento sindical brasileiro, juntamente com outros setores da população, notadamente com os lavradores, está decidido a imprimir novos rumos na batalha pela conquista de uma reforma agrária radical, capaz de assegurar terra, crédito, ferramentas, sementes e assistência técnica aos lavradores sem terra ou pobres e de proporcionar-lhes meios de transporte. O movimento sindical está decidido, por outro lado, a lutar para que o Congresso Nacional aprove os projetos que determinam a limitação da remessa de lucros para o exterior, que institui a Lei Antitruste, e outros.

POSIÇÃO ANTE O GOVERNO

O III Encontro Nacional dos Dirigentes Sindicais fixará a posição dos trabalhadores de todo o país face ao novo governo. O programa de ação apresentado à apreciação do Congresso Nacional pelo ministro Tancredino Neves será objeto de debate também dos líderes sindicais, que fixarão posição sobre o mesmo.

A participação dos trabalhadores brasileiros na última crise que abalou o país, com enorme combatividade — particularmente demonstrada através de greves como a do Porto do Rio de Janeiro, da Estrada de Ferro Leopoldina, das indústrias metalúrgicas, vidreiras, têxteis, etc.; em vários Estados — revela que o movimento sindical brasileiro está em condições de influir, poderosamente, no sentido de serem, desde logo, afastados do governo os elementos mais reacionários.

Tudo dependerá do fortalecimento da unidade do movimento sindical e do desenvolvimento de sua luta, em coordenação com as organizações dos lavradores, do funcionalismo, dos estudantes, etc. O III Encontro dos Dirigentes Sindicais proclamará a formulação das normas de conduta dos trabalhadores ante esses problemas, e trará novos rumos para a luta pelo reajustamento geral dos salários e vencimentos, pela contenção do custo da vida, pela defesa da democracia e das liberdades sindicais.

AVISO AOS LEITORES

Tem os recebido numerosas cartas e pedidos de leitores que reclamam o número 130 de NOVOS RUMOS. Devemos, entretanto, explicar, que durante a crise editamos vários números extras, entre eles um que saiu com o número 129, quando na realidade deveria ser o 130. Assim, para os colecionadores, NR tem duas edições com o número 129, e não tem o 130.

JUDAS QUE AGEM EM NOME DE DEUS!

Roberto Morena

No primeiro contato que o atual ministro do Trabalho e Previdência Social, sr. André Franco Montoro, manteve com as direções das organizações sindicais do Estado da Guanabara, no dia 13 do corrente, já estavam em ênfase os traços da classe trabalhadora. Viam-se os Parmigiani, os Nenas, os Expedito, Rosinha, em fim toda a corja de desmoralizados, alcaçutes, burocratas, Ar. Campista, Campello, Floriano e outros, prudentemente não se compararam; já estavam preparando uma viagem a Brasília, para apoiar o governo parlamentarista do sr. João Goulart.

Nessa recepção apareceram também os "apaziguadores", que rogavam para que não fossem condenados públicamente esses tipos e seus métodos. A hora, diziam, era de "contratamento", de esquecer os fatos passados e de se manter a "unidade".

Dias antes, no período em que os nomeados pelos golpistas e serviais do imperialismo lanque — Carlos Lacerda, Regadas Viana e Hélio Valcacer — mandavam no MTSP, já estavam eles a se refocilar ante o ministro para delatar os dirigentes sindicais e pedir a invasão de sindicatos e outras medidas policiais. Estavam eufóricos, certos de que a ditadura militar seria implantada e eles poderiam anular os direitos e as conquistas da classe trabalhadora.

Mas seus cálculos falharam. Os tempos mudaram. Os trabalhadores, o povo, a imensa maioria das Forças Armadas, os patriotas e democratas, derrotaram os golpistas, que não puderam implantar o regime de terror como era de seu propósito. Agora querem enganar e continuar sua antiga obra de divisão, engodo e desorganização da classe trabalhadora do Brasil.

Nob a orientação dos dirigentes do CIOBL-ORIT, desde 1º de maio de 1960, com o concurso do dinheiro arrancado do Imposto Sindical, do patronato, do Ponto IV e das contribuições da população católica, esses supostos "dirigentes" sindicais, em nome de Deus, da democracia, etc., têm lançado as mais torpes campanhas contra as organizações sindicais que lutam sem temor pelos interesses e direitos da classe trabalhadora. Não têm coragem, porém, de comparecer perante as massas para defender seus pontos de vista. Vivem nas delegações de polícia ou nos bastidores dos serviços secretos da reação e dos agentes imperialistas.

A provocação que fizeram na realização do III Congresso Sindical Nacional, realizado em agosto do ano passado, constituindo uma das mais soberbas provas de que são capazes os trabalhadores. Quisermos realizar uma chacinha no Teatro João Caetano contra os delegados que não se submeteram à sua torpe traição.

Agora, agrupam-se na chamada Resistência Democrática. Ela engloba o que defendem "o mundo livre", imperialista: Movimento de Orientação Sindical, Sindicalismo Democrático, Renovação Sindical. Para isso têm realizado Encontros, Convenções e Conferências. Valem-se das figuras do alto clero para acobertar a bandeira do divisionismo, do anticomunismo. Combatem o nacionalismo e a luta para libertar o nosso país do subdesenvolvimento, da defesa do povo cubano. Têm como divisa a luta "entre a democracia e o comunismo", tão de agrado do polícia Carlos Lacerda.

O último encontro realizado em São Paulo, nos dias 22 e 23 de julho passado, em que se reuniram Deocleciano, Magaldi, Previttti, Parmigiani e outros, sob o patrocínio do governador de São Paulo e do conhecido órgão dos plutocratas paulistas, "O Estado de São Paulo", aprovaram um programa reacionário e divisionista, sob a égide de Deus!

Durante os dias da crise político-militar, quando os sindicatos eram invadidos, lares eram violados e as franquias constitucionais anuladas, esses traidores combatiam a greve, enviavam circulares às entidades impedindo os movimentos em prol da legalidade constitucional, como fez a Diretoria da CNTI, em sua circular do dia 30 de agosto passado.

Já teve o proletariado muita paciência. Torna-se uma necessidade imperiosa ter na direção das organizações sindicais os trabalhadores que não traíam os seus interesses e os seus direitos. O caminho justo é o que nos indica a decisão do Conselho da Federação Nacional dos Marítimos, que no dia 13 do corrente destituiu a diretoria que durante os dias de crise se colocou ao lado dos golpistas.

As tarefas que tem de realizar os trabalhadores, nesta ocasião, são de enorme importância. Sua responsabilidade é cada vez maior. Provou-se durante a crise militar e política o que vale a unidade dos trabalhadores. Para isso temos necessidade de direções firmes e conscientes nas organizações sindicais e uma forte unidade e mobilização nas bases, isto é, nos locais de trabalho. Com traidores e policiais nas direções sindicais torna-se difícil realizar essa grande tarefa em toda a sua amplitude.

Estamos às vésperas da realização do III Encontro Sindical Nacional. Nesse Encontro iremos tratar também desse palpitante assunto: como conduzir o problema da unidade dos trabalhadores e como tornar o movimento sindical livre e independente, com direções que estejam à altura das responsabilidades históricas da classe trabalhadora.

Torna-se necessário desmascarar e expulsar do movimento sindical os Judas que agem em nome de Deus.



Bancários Cariocas Decidem Aumento Salarial de 50%

Mais de dois mil bancários cariocas, reunidos em assembleia geral, no Automóvel Clube do Brasil, decidiram apoiar a proposta de aumento salarial, a ser reivindicada pelos banqueiros, que foi elaborada pela Comissão de Salários. A referida proposta, compõe-se dos seguintes pontos: 1) aumento de 50% sobre todos os salários, até 10 mil cruzeiros; 2) aumento de 200 cruzeiros por ano de serviço; 3) vigência do aumento a partir de 1º de setembro do corrente.

A assembleia, muito movimentada, debateu amplamente várias propostas, acabando por aprovar a tabela

acima, com uma emenda, segundo a qual o novo aumento salarial deverá ser reajustado, em conformidade com o aumento que venha a ocorrer no salário mínimo. Decidiram os bancários que cópias da tabela aprovada deverão ser encaminhadas à administração de cada Banco, em dias previamente estabelecidos, por uma comissão de diretores do Sindicato e de bancários do próprio estabelecimento. Essa medida, independentemente dos entendimentos com o Sindicato de Bancos, visa a assegurar o apoio de cada banqueiro, à pretensão dos bancários. Na foto, aspecto da grande Assembleia dos bancários realizada quinta-feira última no Automóvel Clube.

Fluminenses em pé-de-guerra:

Grevistas da Legalidade Não Podem ser Demitidos

Os trabalhadores de diversos setores de atividade dos municípios fluminenses de Niterói e São Gonçalo, bem como os ferroviários da Leopoldina e os operários navais e empregados no transporte marítimo Rio-Niterói, estão em pé-de-guerra, decididos a voltar à greve a qualquer momento, caso não sejam readmitidos os operários da Fábrica de Vidros São Domingos e da Fábrica de frigoríficos Maveroi, que participaram da greve pela legalidade. "Grevistas da legalidade não podem ser punidos". Esse é o "slogan" dos trabalhadores fluminenses.

Nos municípios de Niterói e São Gonçalo, cerca de 20 mil trabalhadores marítimos, ferroviários, metalúrgicos, transviários, rodoviários, têxteis, vidreiros e da indústria de cimento e da construção civil, entraram em greve, logo após a renúncia do ex-presidente Jânio Quadros e só voltaram ao trabalho na manhã do dia 8, com a posse do presidente João Goulart.

Nesses dois municípios fluminenses registraram-se vigorosas ações pela legalidade. Dos 83 mil grevistas do Estado do Rio, 20 mil encontravam-se em Niterói e São Gonçalo.

De um modo geral, os empregadores comprometem-se a não punir os combatentes da legalidade e a efetuar o pagamento dos dias parados.

Três empresas, entretanto, colocaram-se em atitude hostil aos trabalhadores e demais partidários da legalidade. A Fábrica Nacional de Cimento Portland-Mauá, por exemplo, negou-se a pagar os dias de greve, e ainda pretende dispensar alguns operários, sob a alegação de que não tinha serviço para todos. A Fábrica de Vidros São Domingos, que se encontra em precárias condições financeiras, negou-se a admitir os 800 operários que participaram da greve, e afirma que só os admitirá se o governo lhe conceder um empréstimo de ordem de 20 milhões de cruzeiros. Também a Maveroi, que tem em seus armazéns um grande estoque de geladeiras, exige do governo um empréstimo de cerca de 40 milhões de cruzeiros, para readmitir os seus empregados, que fizeram a greve da legalidade.

Os trabalhadores da Fábrica Nacional de Cimento Portland-Mauá, que, conforme já noticiamos, fizeram a sua primeira greve, em 30 anos de existência da empresa, voltaram à greve, na manhã do dia 8, exigindo o pagamento dos dias parados e a readmissão de todos, sem exceção. A greve cessou na manhã do dia 18, quando os operários voltaram ao trabalho, após ficar decidida a readmissão de todos, o pagamento, a título de férias, os dias parados, de 8 a 15 do corrente. A empresa, por outro lado, comprometeu-se a pagar os dias da greve da legalidade, de 1º a 7 de setembro, se o Congresso Nacional aprovar projeto de anistia aos que foram punidos por haverem participado dos acontecimentos relacionados com a crise político-militar.

Na Maveroi e na São Domingos, os trabalhadores continuam sem trabalhar. Vivendo da solidariedade e

situação econômica é desesperadora. Uma coisa, entretanto, é patente, tanto nos trabalhadores da Fábrica de cimento, que voltaram recentemente à atividade, como nos vidreiros da São Domingos e nos metalúrgicos da Maveroi — o orgulho por haver participado da greve pela legalidade, por haver contribuído para a derrota dos golpistas.

Os trabalhadores ameaçados de dispensa não se arrendem de haver participado da greve da legalidade. Em suas assembleias, eles afirmam sua decisão de repetir o mesmo gesto, caso os golpistas voltem a se assanhar. Eles confiam, por outro lado, na solidariedade de seus companheiros das demais empresas, que juntos fizeram a greve da legalidade. Confiaram na ação de todas as forças que se opuseram ao golpe reacionário, e têm certeza de que o Conselho Sindical de Niterói e São Gonçalo saberá conduzir a luta pela derrota dos patrões que pretendem resolver os problemas da sua indústria, às custas da miséria dos seus empregados. De qualquer modo, torna-se necessária a solidariedade não só dos trabalhadores fluminenses, mas dos trabalhadores de todo o Brasil, nos heróicos operários da São Domingos e da Maveroi, que foram dos primeiros a se levantar na defesa da legalidade democrática, e que ainda hoje se encontram afastados do trabalho e ameaçados de dispensa.

A greve dos operários da Fábrica Nacional de Cimento Portland-Mauá, que, conforme já noticiamos, fizeram a sua primeira greve, em 30 anos de existência da empresa, voltaram à greve, na manhã do dia 8, exigindo o pagamento dos dias parados e a readmissão de todos, sem exceção. A greve cessou na manhã do dia 18, quando os operários voltaram ao trabalho, após ficar decidida a readmissão de todos, o pagamento, a título de férias, os dias parados, de 8 a 15 do corrente. A empresa, por outro lado, comprometeu-se a pagar os dias da greve da legalidade, de 1º a 7 de setembro, se o Congresso Nacional aprovar projeto de anistia aos que foram punidos por haverem participado dos acontecimentos relacionados com a crise político-militar.

Na Maveroi e na São Domingos, os trabalhadores continuam sem trabalhar. Vivendo da solidariedade e

Operários da Central do Brasil Conquistaram a Semana Inglesa

Os operários das oficinas da Central do Brasil, situadas no Engenho de Dentro, puseram em execução, por conta própria, o novo decreto que extingue o expediente aos sábados nas repartições públicas.

Com efeito, no primeiro sábado seguinte à promulgação do decreto 51.320, de 2 do corrente, os operários da oficina do Engenho de Dentro não compareceram ao trabalho, e passaram a

exigir do diretor da Central o cumprimento do referido decreto. A luta uniu os trabalhadores de tal modo, que a Administração da Central do Brasil, impotente para realizar a política de dois pesos e duas medidas que pretendia por em prática, subtraíndo os direitos dos operários, viu-se obrigada, ante o noticiário dos jornais, a divulgar a seguinte nota: «1 — Ao contrário do que foi noticiado, o diretor da

Central não tem a intenção de obrigar a seus funcionários a trabalhar aos sábados, contra o disposto no Decreto n. 51.320, de 2 do corrente, que estabelece a extinção do trabalho nas repartições públicas naqueles dias. 2 — O diretor foi, contudo, obrigado a adotar uma atitude djáda expressamente pelo decreto, qual seja a de manter o trabalho daqueles que exercem suas atividades nas oficinas da Estrada. O decreto diz, textualmente, em seu artigo 3º que as repartições fiscais ou arrecadoras, industriais, etc., poderão ter expediente especial, observado, o mínimo de 32,30 horas por semana». 3 — Ora, para isso se faz necessário a esquematização

de um horário especial para aqueles funcionários das oficinas — enquadrados em setores industriais da Estrada — de modo que tenham o sábado livre. E é isso o que estamos fazendo.

Com esses esclarecimentos vão os nossos agradecimentos antecipados, pela publicação — (as.) Maurício Meira.

ASSOCIAÇÃO CIVICA DOS MORADORES DE OSVALDO CRUZ

Em solenidade que terá lugar no próximo dia 23, sábado, às 20 horas, na sede do Ginásio Estadual Getúlio Vargas, Praça Jaguaré, será empossada a Diretoria da Associação Civica dos Moradores de Osvaldo Cruz, entidade organizada com a finalidade de defender os interesses dos moradores daquele bairro do Estado da Guanabara, e que é presidida pelo sr. Enos Aquino de Oliveira.

NOVIDADES!

SOBRE LA RELIGION, de Marx-Engels	400.00
DESCOMPOSICION DEL SISTEMA COLONIAL, de V. Ja. Avarin	750.00
EL PAPEL DE LAS MASAS POPULARES Y EL DE LA PERSONALIDAD EN LA HISTORIA, de M. D. Kammar	550.00
MANUAL DE MARXISMO-LENINISMO, de Kuusinen e outros	1.900.00
MONOPOLIOS Y PUEBLO, de V. Koriolov	450.00
FILOSOFIA DE LA VIDA, de Makarenko	450.00
EL SER Y LA CONCIENCIA, de S. L. Rubinstein	1.350.00
MARX, ENGELS E O MARXISMO, de Lenin	950.00
GEOMETRIA DE LA URSS, Geografía Física y Económica, de Hjalmar	350.00
SOBRE O GUERRE, de Kovalov, Mapa da cidade, etc.,	240.00

Pedidos a:
AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL
JURANDIR GUIMARAES
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28
SAO PAULO

Mariâni e Moreira Sales: Dois Nomes e Uma só Política — Entreguismo

Durante hora e meia, ao transmitir o cargo de ministro da Fazenda ao sr. Walter Moreira Sales, o sr. Clemente Mariâni fez uma exposição do que realizou na sua gestão de sete meses e uma apreciação, ao seu modo da situação econômica do país. É um documento que reflete de corpo inteiro uma concepção e uma política de entrega das riquezas nacionais ao capital estrangeiro. Em meio a uma torrente de números e algumas figuras literárias que primam pelo ridículo, o ex-ministro Mariâni fez um hino à operação-entrega que dirigiu desde que assumiu a pasta da Fazenda, e omite sistematicamente as causas das sérias dificuldades econômicas por que o país atravessa.

CAMBIO LIVRE É A VERDADE...

Inicialmente, o sr. Mariâni fez um histórico do que ele chamou de "profundas distorções" da economia nacional. A primeira delas, segundo o ex-ministro, é que "o mercado livre não representava o ponto natural de equilíbrio das transações cambiais". Isto porque, para manter o chamado "dólar-prestígio", o governo sustentou durante algum tempo a taxa de 185 cruzeiros por dólar. Com isso, de estimulavam-se as exportações, acrescentou.

Assim, segundo o sr. Mariâni, agora, depois de sua gestão, presume-se, o mercado livre reflete o equilíbrio das transações cambiais e, mais ainda, o equilíbrio natural dessas transações. Significa que o "verdadeiro" valor do cruzeiro em relação ao dólar é de cerca de 300 cruzeiros por dólar. Para o sr. Mariâni, o mercado livre de câmbio é livre mesmo e não controlado por especuladores, pelos grupos econômicos ligados ao capital estrangeiro e por este último, diretamente. Mas, admitindo por absurdo que assim fosse, então teríamos aí uma clara confissão do próprio sr. Mariâni de que na sua gestão prematuro encerrada, verificou-se uma brutal desvalorização do cruzeiro, muito maior do que aquela que de fato se deu.

Efetivamente, se o dólar custava 180 cruzeiros ao governo quando tomou posse o sr. Jânio Quadros e se os quase 300 cruzeiros por dólar de hoje no mercado livre refletem a verdade real, como proclama o ex-ministro, então seus sete meses de governo só serviu uma desvalorização de quase 10 por cento ao mês.

De fato, o mercado livre de câmbio não reflete de modo nenhum a verdadeira

relação dólar-cruzeiro, sendo, como é, um mercado sujeito a bruscas oscilações, a ação aberta dos especuladores, e ao manejo dos grupos imperialistas.

SUPRESSÃO DO CÂMBIO DE CUSTO

Outra das distorções mencionadas pelo sr. Mariâni era simplesmente a existência do câmbio de custo. Sem entrar, naturalmente, no mérito do problema, emite o sr. Mariâni o fato, de que ele tem pleno conhecimento, de que o câmbio de custo foi um instrumento necessário para o aparecimento e a consolidação de numerosas empresas estatais. Recente levantamento feito provou que 70 por cento dos pagamentos feitos a câmbio de custo, entre 1954 e 1959, foram por empresas estatais. Por isso mesmo, com a supressão do câmbio de custo, foi criada uma nova dificuldade para as empresas estatais, para cujo êxito, em face de não pertencerem a grupos econômicos, justificava-se plenamente a concessão de determinados privilégios.

Além disso, não mencionou o sr. Mariâni que a supressão do câmbio de custo determinou uma violenta elevação do custo de vida, cuja repercussão foi sobremaneira penosa para a classe trabalhadora e os assalariados em geral.

Um governo popular e realmente voltado para os interesses brasileiros procederia de maneira diametralmente oposta àquela como agiu o sr. Mariâni. Corrigiria as possíveis distorções existentes em relação ao câmbio de custo, suprimindo os privilégios indevidos, mas mantendo a diversidade das taxas cambiais como meio de favorecer o desenvolvimento econômico independente do país.

CRITICOU, E DESTA VEZ COM RAZÃO, O SR. MARIÂNI A POLÍTICA DO CAFÉ QUE ENCONTROU AO ASSUMIR A PASTA. MAS, QUE NOVA POLÍTICA DEFENDEU E PÔS EM PRÁTICA? SE, NO GOVERNO KUBITSCHKE, O PROBLEMA DO CAFÉ ERA "RESOLVIDO" MEDIANTE A COMPRA DE TODA A SAFRA NÃO NEGOCIADA PELA GOVERNO — COM O QUE SE PROPICIARIA NEGOCIAÇÕES, ESTIMULAVA-SE A PRODUÇÃO DESFREADA, E TRANSFERIAM-SE BILHÕES E BILHÕES DE CRUZEIROS PARA OS LATIFUNDIÁRIOS DO CAFÉ — AGORA, COM A POLÍTICA DE QUADROS E MARIÂNI O ESPETÁCULO PROSEGUE, PELA MENOS NO QUE SE REFERE À ENTREGA DE NOVAS E VULTOSAS MASSAS DE DINHEIRO PARA ALGUNS DELES MESMOS BENEFICIÁRIOS. EM SÍNTESE, ANTES O POVO PAGOU PARA ESTOCAR, AGORA PAGA PARA DESTRUIR OS ESTOQUES (O SR. MARIÂNI CONFIRMA A DESTRUIÇÃO DE 10 A 12 MILHÕES DE SACAS "ABOLUTAMENTE IMPRÓPRIAS PARA O CONSUMO") E PARA ESTIMULAR A PRODUÇÃO APENAS DE TIPOS FINOS...

BALANÇO DE PAGAMENTOS

Apreciando as dificuldades na área das transações econômicas com o exterior, o sr. Mariâni cita cifras astronômicas de déficits cambiais. Entretanto, ao analisar as causas desse desequilíbrio, limita-se ao exame das causas internas que estariam na base dos déficits. Para ele, tudo se resume na desordem da política econômica-financeira posta em prática anteriormente e nenhuma palavra — nem uma, sequer, mesmo uma referência leve — é dita contra as verdadeiras causas das dificuldades. Por que passamos, O sr. Mariâni nada diz sobre a necessidade de uma política firme de defesa dos preços dos nossos produtos de exportação, pelos quais os monopólios internacionais pagam cada vez menos, impondo ao país a acumulação sucessiva de déficits na balança comercial, uma vez que as importações são praticamente incompressíveis. Da mesma maneira, nada

diz sobre a espoliação feita aqui, internamente, pelas empresas estrangeiras, notadamente as norte-americanas (como bem sabe o sr. Moreira Sales), que remetem para o exterior, sem qualquer controle de nossa parte, somas fabulosas a título de lucros, juros, dividendos, "royalties", assistência técnica, donativos, etc, etc.

Em suma, o sr. Mariâni, ao escafolear o aspecto básico do problema, porta-se como um autêntico advogado que é do capital estrangeiro.

ACÓRDOS NO EXTERIOR

Uma grande parte do discurso do sr. Mariâni é dedicada aos acordos firmados nos Estados Unidos (com o governo lanque, com o Fundo Monetário, com bancos particulares e até companhias de petróleo) e na Europa Ocidental. Por esses acordos, o governo do sr. Jânio Quadros conseguiu desafogar, num plano imediato, os pagamentos por empréstimos contraiados anteriormente e contratar novos empréstimos, nenhum dos quais — é preciso que fique claro — para fins de desenvolvimento econômico. É isso que o sr. Mariâni apresenta como grande vitória — sem explicar de quem é a vitória. A vitória consistiu, assim, em adiar o pagamento de dívidas contraiadas porque foram rebalhadas os nossos preços e porque as empresas estrangeiras, as quais atuam como autênticas bombas de sucção. De tal maneira, não foi resolvido problema algum, antes houve um agravamento, pois concordamos com o adiamento dos pagamentos e, para obtermos esse adiamento, assumimos compromissos que importam em perpetuar nossas dificuldades e torná-las mais profundas. Se, como ocorre no momento, com a presença dos mesmos Moreira Sales, Roberto Campos, Otávio Bulhões e companhia for continuada a política econômica-financeira do governo Jânio Quadros, teremos no futuro novos e mais vultosos déficits nas transações com o exterior, oferecendo outras tantas oportunidades para que esse mesmo ou outros Mariânis vão aos Estados Unidos e à Europa Ocidental, de pires na mão, pedir novas mortatórias. E, ao mesmo tempo, o capital estrangeiro terá escancara de ainda mais as portas para a sua penetração no Brasil, tornando mais penosa a luta que cedo ou tarde a nação terá que travar para livrar-se desses sanguessugas.

Entretanto, enganamos-se se supõem que poderão continuar ignorando tais acordos, que resultaram fundamentalmente de uma antiga e legítima exigência do povo brasileiro. Os acordos foram assinados e devem ser cumpridos. Não suponham os entreguistas que vencerão esta batalha.

OMISSÃO CARACTERÍSTICA

Maior responsável específico pela condução da economia nacional, na sua condição de ministro da Fazenda, é significativo que o sr. Clemente Mariâni haja silenciado por completo acerca dos acordos comerciais firmados com os países socialistas. Nada, absolutamente nada, diz a respeito o sr. Mariâni. E como se tais acordos nunca tivessem sido assinados. Entretanto, que enormes possibilidades abrem eles para o Brasil, mesmo nos quadros institucionais de hoje, para ganhar, para negociar com vantagem, para defender os legítimos interesses nacionais! Sobre isto, porém, tanto o sr. Mariâni como o seu continuador (em todos os sentidos), sr. Moreira Sales fazem um silêncio tumular.

A revista "Manchete", em seu número de 23.IX, publicou uma entrevista de notável atualidade com um sacerdote católico, o padre Francisco Lage Pessoa. É vigário da Igreja Católica Apostólica Romana num dos mais importantes bairros de Belo Horizonte: Floresta. O padre Lage Pessoa ganhou notoriedade nos últimos tempos, por sua participação destacada nos movimentos de reivindicação dos trabalhadores da capital mineira. Atuou no lado a lado com operários e funcionários públicos em greve por aumento de salários e vencimentos, por melhores condições de vida. Está em contacto directo com os bairros pobres da gran-

Julgando o renegado Ascendino

Os jornalistas da Guanabara realizaram uma assembleia para discutir a expulsão do sr. Ascendino Leite do quadro do sindicato, espúlio solicitado em memorial assinado por 170 profissionais da imprensa. Durante a reunião os jornalistas foram informados que os pedidos de expulsão de Carlos Ascendino ficaram sem efeito porque ele já havia sido expulso do sindicato, em 1943, por falta de pagamento das mensalidades.

Por voto unânime, a assembleia aprovou a constituição de uma comissão de inquérito para apurar todos os crimes praticados pelo Ascendino contra a liberdade de imprensa e a divulgação da seguinte nota pública:

«O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, reunido em assembleia geral, para tomar conhecimento da acusação formulada contra o sr. Ascendino Leite por 170 militantes do Estado, decidiu nomear uma Comissão

Sérgio Descobre Que Esquerda é «Ponta de Lança»

Segunda-feira última, o deputado Sérgio Magalhães reuniu a imprensa carioca para uma entrevista a respeito da recente crise política. As declarações feitas pelo vice-presidente da Câmara Federal tiveram, naturalmente, ampla repercussão nos jornais.

Conversamos com o sr. Sérgio Magalhães em que, nesse momento, a questão que mais interessa ao povo brasileiro não é o dilema parlamentarismo-presidencialismo, mas a luta pela solução dos infindáveis problemas do país e das grandes massas. A limitação das remessas de lucros das empresas estrangeiras, a reforma agrária, a contenção do custo de vida, a garantia das liberdades democráticas, a rigorosa aplicação de uma política exterior independente, etc. Não podemos concordar, portanto, com certas afirmações feitas pelo deputado carioca — afirmações, aliás, contrárias em um líder de sua própria política e intelectual. Assim, por exemplo, segundo a versão dada pelo sr. Magalhães, de ter a esquerda afirmado o sr. Magalhães, em defesa do



20 000

Milhares de pernambucos, do Recife e de outros municípios, reuniram-se na Avenida Dantas Barreto para comemorar a vitória sobre os golpistas. Não faltaram as

denúncias contra o governador Cid Sampaio, que se aliou aos golpistas e comandou as violências contra o povo pernambucano.

Recife Comemorou Derrota do Golpe Fazendo Comício de 20.000 Pessoas

RECIFE, setembro (do Correspondente) — Milhares de pessoas participaram do grande comício realizado no dia 18, na Avenida Dantas Barreto, para comemorar o 15.º aniversário da Constituição e a vitória das forças democráticas e populares contra os militares e civis fascistas que tentaram o golpe de 23 de agosto.

A festa popular foi convocada pelo Conselho Sindical dos Trabalhadores de Pernambuco, juntamente com a União de Estudantes de Pernambuco. Empunhando dezenas de

faixas e cartazes, as delegações se concentraram na avenida desde as últimas horas da tarde, manifestando constantemente seu júbilo pela vitória sobre o golpe. Delegações de vários municípios do interior, entre os quais Garanhuns, Caruaru, Paudalho, Goiana e São Lourenço, também compareceram à manifestação.

Todos os oradores destacaram a importância da vitória obtida durante as jornadas de agosto, a necessidade da punição dos golpistas e exigiram do novo presidente a apresentação de um programa que corresponda às necessidades e às exigências do povo brasileiro, assim como a aplicação de uma política externa independente e de defesa do direito de autodeterminação dos povos. Os oradores também condenaram veementemente a participação do governador Cid Sampaio nos acontecimentos, que se revelou pusilânime e apoiou os intentos golpistas do famigerado Lacerda e dos ministros militares.

— Tendo assumido, no dia de hoje, o exercício do cargo de governador, venho solidarizar-me com o povo de Pernambuco, com os seus operários e os seus estudantes, nesta homenagem que, na praça pública, se presta à Constituição e à legalidade.

MENSAGEM DE PELOPIDAS

O vice-governador Pelopidas Silveira, impossibilitado de comparecer à concentração, enviou uma mensagem ao povo cujo texto é o seguinte:

«Tendo assumido, no dia de hoje, o exercício do cargo de governador, venho solidarizar-me com o povo de Pernambuco, com os seus operários e os seus estudantes, nesta homenagem que, na praça pública, se presta à Constituição e à legalidade.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Discursando sobre o transcurso do 15.º aniversário da Constituição, o sr. João Goulart convidou o Parlamento a votar as leis antitruste, sobre a remessa de lucros excessivos ao estrangeiro, a reforma agrária, medidas de estímulo ao desenvolvimento nacional e outros projetos.

No que se refere à política externa o sr. João Goulart manifestou-se a favor da autodeterminação dos povos, contra a interferência das grandes potências na política dos países subdesenvolvidos, pelo direito de cada povo de escolher soluções próprias para seus problemas e contra todas as formas de colonialismo, inclusive as disfardadas.

Referiu-se também o Presidente da República à parcela de responsabilidade que cabe a cada pessoa ou a cada grupo, quanto ao trato das questões fundamentais do País. Há também no discurso um apelo em favor da emancipação econômica nacional, apelo dirigido a todos os brasileiros, sem distinção de credos nem de ideologias.

Na verdade, a recente crise político-militar, que terminou com a fragorosa derrota dos três ministros militares e do general Cordeiro de Farias, serviu para demonstrar quanto pode ser ampla no Brasil uma frente democrática, em defesa dos grandes interesses econômicos e políticos do País. Assim, tem cabimento um apelo que se dirige com esse fim a todos os brasileiros, sem distinção de credos ou ideologias.

A crise político-militar de fins de agosto e começo de setembro, entretanto, também demonstrou que um pequeno grupo de inimigos do desenvolvimento da democracia pode arrastar o Brasil para situações perigosas, se colocado em pontos estratégicos. Isto é que é preciso ser levado em consideração. Assim, ao lado de qualquer apelo à quase totalidade dos brasileiros em defesa da soberania nacional e do respeito à Constituição, é preciso que se diga também alguma coisa sobre a completa desarticulação das igrejinhas golpistas. O sr. Carlos Lacerda, especialista em "armadilhas" para conseguir derrota de seus companheiros golpistas, uma armadilha contra a democracia, mais ou menos a mesma armadilha, composta de Arduinos e Ascendinos, que foi usada contra os cariocas em fins de agosto e começo de setembro.

O mais sério, porém, no plano nacional, é que da última crise saiu um gabinete de conciliação com o imperialismo e o golpe. O imperialismo tem no gabinete Tancredo um representante que dispensa apresentação: o sr. Walter Moreira Sales. Assim, ao lado da ampla mobilização de todos os patriotas brasileiros, na hora presente, é necessária a desmobilização dos homens do Fundo Monetário Internacional. Sem isso não desaparecerão os germes das crises.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Os esforços despendidos por NOVOS RUMOS durante a crise política que o país atravessou, durante a qual circulamos com várias edições extras, agravaram a situação de dificuldades que vinhamos atravessando. Divulgamos, na ocasião, um apelo aos nossos leitores e amigos para que intensificassem a campanha de ajuda ao seu jornal. O apelo foi e está sendo atendido. Mas, é necessário que a campanha se reforce em todos os setores objetivando dar a NOVOS RUMOS a possibilidade de servir melhor do que o tem a luta democrática do povo brasileiro pela conquista da sua emancipação política e econômica.

Os leitores, como um grupo de amigos do Leblon que nos enviou 1.450 cruzeiros acompanhados de uma carta em que saúda a atuação de NOVOS RUMOS durante a crise, mostram claramente que compreendem a razão de nosso apelo.

CONTRIBUIÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos às seguintes contribuições: Colônia Árabe (Curtitiba) 710,00 Dr. Tuty Curly (Goiânia) 500,00 Sócios Quintino (Guanabara) 100,00 Mariano Araújo (S. Gonçalo) — R.R. 300,00 Ascendino (Recife) 905,00 Perceval Santos-Jun. (Rio de Janeiro) 4.000,00 Guilherme Cipriani Filho (Rio de Janeiro) 1.000,00 José Lima da Silva (Rio de Janeiro) 100,00 João Dias (S. J. de Mar) 100,00 J. Cavalcanti 1.000,00 José Lima da Silva (Rio de Janeiro) 100,00 Juliana do Sul 2.000,00 Dr. Marcos Pimenta (GB) 2.000,00 Nereides do Leblon 1.150,00 Amigos de Bento Ribeiro (GB) 450,00

«A Carta de Ponta del Este e o Comércio Exterior do Brasil» dia 26, na ABI

Na próxima terça-feira, dia 26, às 18 horas, no 3º andar da ABI, em prosseguimento ao Ciclo de Palestras Sobre Problemas Nacionais, patrocinado pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, falará o sr. José de Campos Mello, sobre: A Carta de Ponta del Este e o Comércio Exterior do Brasil.

Sobre a Aplicação do Centralismo Democrático

Glocondo Dias

O Partido é uma aliança entre aqueles que lutam para libertar a classe operária e todos os trabalhadores, para transformar radicalmente a sociedade sobre as bases dos princípios do socialismo. Essa união é plenamente voluntária. Não se ingressa por coerção ou por obrigação, mas atendendo-se ao apelo da consciência e dos mais elevados sentimentos humanos.

A estruturação e as formas de organização do Partido, as normas pelas quais se rege a sua vida interna, os métodos que utiliza em seu trabalho prático, os deveres e os direitos dos seus membros são condicionados pela essência do Partido e regidos pelo princípio do centralismo democrático, cujos principais aspectos são os seguintes:

a) elegibilidade de todos os órgãos dirigentes do Partido de baixo para cima;

b) prestação de contas periódica pelos órgãos de direção do Partido às organizações partidárias;

c) obrigação de observar a disciplina partidária e subordinação da minoria à maioria;

d) acatamento incondicional, pelos órgãos inferiores, das decisões tomadas pelos órgãos superiores; e participação das organizações do Partido na elaboração de sua linha política e na luta pela sua aplicação.

A história nos ensina que o centralismo democrático é o princípio diretor da vida interna do Partido Comunista e é adequado a todos os países — imperialistas e socialistas, coloniais e dependentes, avançados e atrasados — assim como a todas as situações, de legalidade ou de ilegalidade, sendo válido tanto durante uma ditadura abertamente terrorista, fascista, como sob a vigência de liberdades constitucionais.

Os princípios orgânicos fundamentais do Partido Comunista são idênticos, independentemente de o Partido se encontrar no Poder ou na oposição, de atuar legal ou clandestinamente e de assumir a luta pelo Poder a forma de guerra civil ou se processar pacificamente.

Como revela a experiência secular do movimento comunista, um Partido proletário, se deseja continuar sendo fiel ao marxismo-leninismo, se deseja ser revolucionário e não reformista, combativo e não passivo, organizado e não amorfo, coeso e não disperso, vigoroso e não fraco, tem de se estruturar e reger a sua vida interna, em quaisquer circunstâncias, pelo princípio marxista-leninista do centralismo democrático procurando aplicá-lo com justiça às peculiaridades locais e às condições históricas concretas em que atua.

A aplicação do centralismo democrático se realiza tendo por base a luta contra os ataques e violações revisionistas de direita, como também contra as distorções, interpretações de caráter dogmático e sectário.

A democracia e o centralismo são um todo único, não podendo existir um sem o outro. A democracia não é um aspecto formal da vida partidária, mas um princípio que expressa a essência do Partido, seu caráter coletivo e a iniciativa própria de suas organizações e seus militantes. Mas para que uma organização democrática possa funcionar com eficiência deve ela possuir um centro único de direção e estabelecer uma disciplina rigorosa para os seus membros. Mesmo porque sem esses dois aspectos é impossível existir uma organização dotada de vitalidade e a democracia terá toda a possibilidade de se transformar em anarquia.

No entanto, sendo o Partido uma organização voluntária, baseada numa disciplina consciente, o centralismo nele não existe a não ser em ligação mútua e indissolúvel com a democracia. Desligada da democracia, o centralismo estará sujeito ao perigo de degenerar em mandarinismo, prevalecendo a coação em lugar da persuasão, os métodos administrativos e as medidas impositivas em lugar dos justos processos partidários, a direção unipessoal em lugar da direção coletiva — enfim, as deformações e os erros, estranhos à natureza do Partido.

mações e os erros, estranhos à natureza do Partido.

O centralismo aplicado com acerto não sufoca a democracia, mas, ao contrário, assegura o seu desenvolvimento. Não podemos esquecer que o centralismo, no Partido, não tem um caráter militar nem é fruto de uma imposição. Não é, tampouco, um método administrativo, pois não se baseia na subordinação incondicional das massas ao dirigente, como se verifica no processo da produção. O centralismo, no Partido, é democrático, baseado na atividade e na capacidade de iniciativa das massas partidárias e no reconhecimento e aceitação voluntários da sua força e da sua necessidade para a vida do Partido.

Não há nem pode haver no Partido Comunista democracia sem centralismo, do mesmo modo que não se pode conceber o centralismo sem democracia. Começamos um erro de direita, de caráter revisionista, aqueles que, a pretexto das deformações esquerdistas e dogmáticas na aplicação do centralismo democrático, querem democracia sem centralismo, pregam o ultrademocratismo e negam a necessidade de uma direção centralizada. De outro lado, cometem um erro de caráter sectário e violam o princípio do centralismo democrático aqueles que, a título de combater a indisciplina e o ultra-democratismo, defendem a centralização excessiva e procuram desligar a democracia do centralismo. Lênin sempre combateu toda tentativa de dividir a fórmula "centralismo democrático" ou de contrapor uma parte à outra, ensinando: "Sempre defendemos em nossa imprensa a democracia interna no Partido. Jamais, porém, nos manifestamos contra a centralização no Partido. Somos pelo centralismo democrático" (Obras, tomo 21, p. 389).

No entanto, não basta aceitar o caráter indivisível da democracia e do centralismo no Partido. Na prática, violamos o princípio do centralismo democrático e cometemos erros de direita ou de esquerda toda vez que tentamos subordinar o centralismo à democracia e vice-versa. É comum ouvir afirmações

sobre a necessidade de mais democracia e menos centralismo ou, ao contrário, de que é necessário haver mais centralismo e menos democracia. São, ambos, esses pontos-de-vista, distorções do princípio leninista de organização, que tem por fundamento a acertada combinação entre o centralismo e a democracia — combinação que não pode ignorar, naturalmente, as condições concretas de lugar e de tempo. Assim, o que era justo numa situação de ausência de um mínimo de liberdades e em que impera a perseguição policial — quando, em virtude disso, o Partido não pode levar à prática em toda a sua plenitude o princípio da elegibilidade e é obrigado a adotar a cooptação e a admitir a irregularidade na convocação dos Congressos, Conferências e Assembléias e alguns outros atos, em contradição com o caráter democrático do Partido — não pode ser considerado uma norma permanente, pois todas essas limitações da democracia interna são ditadas por circunstâncias estranhas ao desejo do Partido e têm uma duração provisória. O permanente é a indivisibilidade dos dois aspectos, é a justa combinação do centralismo com a democracia.

É necessário reconhecer que nos faltam ainda experiência, equilíbrio e flexibilidade para assegurar, na prática, essa indispensável conjugação entre a democracia e o centralismo, para não subordinar um aspecto ao outro. Isso se comprova na maneira esquemática pela qual se aplica o princípio do centralismo democrático, sem se levar em conta as características próprias da região onde se atua ou se pretende organizar o Partido. Se os princípios que regem a estrutura, os métodos de trabalho e as relações partidárias são invariáveis, a maneira de levá-los à prática não pode ser a mesma, por exemplo, no Piauí e em São Paulo, nas capitais e no interior, numa organização de base juvenil e numa organização de bairro, numa organização de empresa e numa organização de setor. Isso se comprova também nas imitações grosseiras e transposições mecânicas de experiências, feitas sem considerar o nível ideológico, político e orgânico das organizações partidárias, o que resulta, praticamente, em violações do centralismo democrático e dificulta a justa aplicação desse princípio leninista básico.

crático e dificulta a justa aplicação desse princípio leninista básico.

Na realidade, em nenhum partido político os princípios democráticos — elegibilidade, prestação de contas, revogabilidade dos mandatos de dirigentes, liberdade de opinião e de crítica, participação de amplas massas em todos os problemas do partido — são realizados de maneira tão consequente como no Partido Comunista. No Partido a luta de opiniões trava-se de modo permanente e por ocasião de seus Congressos, Conferências, etc., realizam-se amplos debates. Os membros do Partido têm realmente o direito de manifestar suas opiniões sobre as medidas políticas e de organização. Todo membro do Partido tem a liberdade de discutir qualquer problema como um direito inalienável, mas orientando-se no sentido de subordinação às discussões, os debates e as críticas aos interesses do Partido e ao fortalecimento de sua unidade. É estranho à concepção marxista-leninista de democracia colocar-se o membro do Partido acima do coletivo partidário, a minoria acima da maioria, uma organização isolada acima do Partido em seu todo.

O centralismo democrático inclui o reconhecimento da força e da autoridade da direção, numa organização em que as massas partidárias são os donos. Por sua vez, o poder das massas partidárias está em determinar a linha política do Partido e, sob a direção dos órgãos partidários, levarem à prática essa linha. O Partido se desenvolve como um sistema de organizações combativas e dotadas de iniciativa própria, mas que possuem, ao mesmo tempo, graças ao centralismo, um centro único de direção, reconhecido por todos os seus membros. Só um centralismo que se apóie no democraticismo — no dever consciente e voluntariamente assumido de subordinar-se à disciplina — e um democraticismo que se apóie no centralismo podem assegurar uma ampla atividade, uma forte organização e uma eficiente disciplina ao partido político da classe operária.

Por outro lado, em relação às formas de organização e aos métodos de luta pela realização de sua linha

política, o Partido Comunista assume uma posição flexível, levando em conta cada situação concreta, o que lhe permite modificar oportunamente aquelas formas e aqueles métodos quando necessário e antes que eles se tornem um freio e um obstáculo à realização de suas tarefas.

Muitos foram os Partidos Comunistas que, por mais de uma vez, modificaram os seus Estatutos, para colocá-los em correspondência com uma nova realidade. Tudo isso pode e deve ser feito no âmbito do centralismo democrático e no curso da luta pela sua justa aplicação, tendo em vista as particularidades existentes, as condições históricas ou as mudanças ocorridas na situação política. Muitas, por exemplo, foram as alterações que o PCUS efetuou em seus Estatutos: em 1922, no período de desenvolvimento da NEP (Nova Política Econômica); em 1923, quando do XVII Congresso, no período de industrialização; em 1934, quando começou a resolver os problemas históricos do segundo plano quinquenal; e agora, ao preparar-se para o XXII Congresso, no período da edificação ampla do comunismo.

No informe que apresentou ao XVIII Congresso do PCUS diz o camarada Jdanov: "O Partido do marxismo revolucionário determina as suas formas de organização e os métodos de seu trabalho de acordo com as condições concretas. Partindo dessa base, o Partido jamais converte as suas formas de estrutura, uma vez estabelecidas, em um dogma, em um esquema morto. No que se refere às formas estatutárias de organização, do mesmo modo que no desenvolvimento da teoria marxista, o nosso Partido se situa no terreno do marxismo criador, enriquecendo as formas de organização com novas experiências, segundo se desenvolvem a luta de classes e os novos problemas políticos".

O que o Partido Comunista considera lei inmutável de sua atividade é a observância rigorosa das normas leninistas da vida partidária, regidas pelo princípio do centralismo democrático. E sua grande força reside, precisamente, em assumir uma atitude criadora no que se refere à justa aplicação desse invariável princípio.

Teoria e Prática

Apelônio de Carvalho

"Que é um Estado de democracia nacional?"

Pergunta do leitor Hélio Ramos, de Marim, Estado de Sergipe.

Depois da conquista da independência política, os povos procuram resposta para os problemas sociais levantados pela vida e para as questões da consolidação da independência nacional. As diferentes classes e os diferentes partidos propõem soluções distintas. É assunto interno de cada povo escolher o caminho de desenvolvimento que melhor lhe convém. A medida que se aguçam as contradições sociais, a burguesia nacional manifesta uma tendência cada vez maior à conciliação com a reação interna e com o imperialismo. Entretanto, as massas populares convencem-se de que o melhor caminho de liquidação do atraso secular e de melhoria de suas condições de vida é o caminho do desenvolvimento não capitalista. Só por este caminho os povos poderão livrar-se da exploração, da miséria e da fome. A classe operária e as grandes massas do campesinato estão chamadas a desempenhar um importantíssimo papel na solução deste problema social básico.

Na conjuntura histórica atual, criam-se condições internacionais favoráveis, em muitos países, à formação de Estados independentes de democracia nacional, isto é, de Estados que defendam consequentemente a sua independência política e econômica, que lutem contra o imperialismo e seus blocos militares; que lutem contra as formas de colonialismo e contra a penetração do capitalismo imperialista; que repudiem os métodos ditatoriais e despóticos de governos que assegurem a seus povos amplos direitos e liberdades democráticas (liberdade de palavra, de imprensa, de reunião, de manifestação, de criação de partidos, etc.); e de organizações sociais), bem como a possibilidade de realizar a reforma agrária e de satisfazer outras reivindicações no terreno das transformações democráticas e sociais e de participar na elaboração da política estatal. A formação e a consolidação de Estados de democracia nacional asseguram-lhes a possibilidade de se desenvolverem rapidamente pelo caminho do progresso social, de desempenhar um papel ativo na luta dos povos pela paz, contra a política agressiva do campo imperialista e pela completa liquidação do jugo colonial.

Os partidos comunistas lutam energicamente para levar até o fim de maneira consequente a revolução anticolonialista, antifeudal e democrática, pela criação de um Estado de democracia nacional e por um sensível melhoramento do nível de vida das massas populares. Eles apoiam os povos dos governos nacionais que conduzem à consolidação das conquistas obtidas e solapam as posições do imperialismo. Simultaneamente, eles se pronunciam ativamente contra os atos antidemocráticos e antipopulares, contra as medidas dos círculos dirigentes que colocam em perigo a independência nacional. Os comunistas desmascaram as tentativas de ala reacionária da burguesia de fazer passar os seus interesses egoísticos de classes pelos interesses de toda a nação, e denunciavam a utilização demagógica de palavras de ordem socialistas falsas, como o mesmo fim, pelos políticos burgueses, esforçam-se por realizar uma autêntica democratização da vida social, unificam todas as forças progressistas para a luta contra os regimes despóticos ou para pôr termo às tendências ao estabelecimento de tais regimes.

Os objetivos dos comunistas correspondem aos supramencionados da nação. O empenho dos círculos reacionários de romper a frente nacional e lutar os comunistas, a vanguarda do movimento de libertação — sob a bandeira do anticolonialismo — enfraquecem as forças do movimento nacional, é contrário aos interesses dos povos e põem em risco as conquistas nacionais já obtidas.

Os países do socialismo são sinceros e fiéis amigos dos povos que lutam por sua libertação ou que já se libertaram do jugo e da opressão imperialistas. Repudiando por princípio qualquer interferência nos assuntos internos dos jovens Estados nacionais, consideram seu dever internacionalista colaborar com os povos em sua luta pela consolidação da independência nacional. Prestam ajuda e apoio, por todos os meios, a esses países em seu desenvolvimento pela via do progresso, na criação de uma indústria nacional, no fomento e consolidação da economia nacional, na preparação de quadros próprios e cooperam com eles na luta pela paz em todo o mundo e contra a agressão imperialista.

Agora é a tua vez, Iuri — disse, pilheriando Anatoli Rosliakov, secretário de nossa organização de trabalho. Ele estava convencido de que eu faria algo involuntário.

Eu ouvi meu camarada e calei-me. Pois se divagavam recordes tais que empalideceriam todos os alcançados até então. Lembrávamos de aviadores com os quais havíamos estado na recepção do marechal supremo da Aviação. Em cada um deles fervia a decisão de dedicar todas as suas forças à preparação de semelhantes voos. Algo subconscientemente me dizia que cada um deles estabeleceria um novo recorde: uns antes, outros depois. Era uma questão de tempo.

Tocava-se harmonia. Boris Vdovin recitava novos versos seus. Depois, cantamos em acordo e, por fim, falamos sobre uma nova lei que acabava de ser adotada pelo Soviete Supremo da URSS determinando a considerável redução das nossas Forças Armadas. Esta lei preocupava a todos os oficiais do regimento, e todas as conversas naturalmente convergiam para ela.

ROMANCE

Iuri Gagarin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Ilustrações de MAX

— Tu vais ser aviador de provas — dizia Vdovin —, e eu na certa voltarei à vida civil... E tudo começará outra vez...

Os camaradas compreendiam que a lei, naturalmente, atingiria o nosso regimento.

Pois as tropas de foguetes se haviam tornado o principal nas Forças Armadas Soviéticas. O foguete substituiu gradativamente a aviação e a artilharia, tornara-se a característica das nossas poderosas armadas e frota aérea; seus efetivos tinham diminuído, mas sua potência de fogo crescera. Aquelas que deveriam deixar as fileiras das Forças Armadas tinham garantido pela nova lei, casa e trabalho. Os jornais publicavam fotografias e correspondências sobre unidades inteiras que iam participar da realização do Plano Setenal, ou seguiam para as terras virgens.

Logo, o rádio e, depois, os jornais noticiavam a façanha de quatro soldados soviéticos, surpreendidos num barco por uma tempestade no Oceano Pacífico. Havia demonstrado eles coragem e estoicismo, conseguindo vencer o que parecia insuperável. Ashkal Ziganchin, Anatoli Kriuchkovski, Filip Poplavski e Ivan Fiedotov eram homens de tempera soviética. Sua história poética e emocionante corria a todos os aviadores. Cada um desses quatro rapazes se revelava homem de coragem pessoal, resistência física, vontade inquebrantável de alcançar a vitória. Encontrando-se no centro do furacão, pelo qual foi açoitado seu frágil barquinho, não tinham eles qualquer esperança de salvação. Mas um jovem soviético não se desesvera nem renuncia à luta. Apesar de sua juventude, tinham sobre seus ombros anos de estudo, trabalho e experiência. Era um pequeno e único grupo educado pelo Partido e o Conselho. Irmãos, repartiram eles cada gota digna e cada pedaço de couro cozido, cortado de suas botas. Demonstraram mais uma vez os sólidos laços de camaradagem existentes na tropa.

— A estratosfera não é o nosso limite — dizia ele. Eram as palavras mais agradáveis que eu jamais tinha ouvido.

As observações clínicas e psicológicas, iniciadas pela primeira junta médica, prosseguiram. Além das condições de saúde, os médicos examinavam cada possível insuficiência ou queda da resistência do organismo aos fatores característicos do vôo cósmico, analisavam as reações verificadas sob a ação desses fatores. Efeituavam suas observações com a ajuda dos mais modernos métodos biológicos, fisiológicos, eletrofisiológicos e psicológicos, assim como de provas especiais das funções. Mantinham-na na câmara barométrica sob diferentes graus de rarefação do ar, pesquisavam a respiração com o oxigênio em condições de elevada pressão, gravavam-me numa máquina centrífuga, semelhante a um carrossel. Os médicos nos examinavam a memória, a inteligência, a facilidade com que se desvia a atenção, a capacidade para os movimentos rápidos, precisos, coordenados.

Selecionavam dados biográficos, da família, dos amigos, atividade social. Levavam em conta não somente a saúde, mas também os interesses culturais e sociais, a estabilidade emocional.

Para os voos ao Cosmos, procuravam corações ardentes, inteligências ágeis, nervos fortes, vontade inabalável, estoicismo, espírito elevado, vitalidade. Queriam que um futuro cosmonauta pudesse orientar-se e não se confundir nas complexas condições de vôo, responder instantaneamente às mudanças e, em quaisquer casos, tomar somente as melhores decisões.

Tudo isto ocupou várias semanas. Novamente foram eliminados muitos rapazes. Eu fiquei entre os aviadores selecionados como candidatos a cosmonautas. Alguns dias depois, todo o nosso grupo foi recebido pelo comandante-em-chefe das Forças Aé-

O feito dos quatro bravos rapazes se harmonizava com o meu estado de espírito elevado. Eu desejava ser como eles ao ter que superar dificuldades e, como eles, não temer os elementos desencadeados da natureza, enfrentá-los na luta. Pois o Cosmos era também um perigoso elemento.

Em casa, preparava-se tudo para a partida. Era uma pena ter que nos separarmos das camaradas, da natureza agreste mas encantadora, das fulgurantes auroras boreais.

Da última vez em que passeamos, eu e Vália, junto ao mar, na praia bordejada pela resaca, olhando os pássaros brancos que faziam círculos sobre os rochedos, fomos até o cemitério e permanecemos longo tempo ao pé do túmulo de Iuri Dergunov. "Pode-se ser um aviador magnífico e morrer assim estupidamente" — pensava eu. Colocamos ramos de pinheiro sobre a tumba do camarada e com amargura o coração voltamos para casa.

A tarde, nossa pequena família, acompanhada pelos amigos, deixava a cidade militar. Que nos aguardava? Ninguém poderia responder a esta pergunta.

E tomamos o avião para o novo destino. Vália não suportava bem as viagens aéreas, mas concordara com este vôo por saber que há tempo já me esperavam.

Rapidamente refizemos a nossa casa e, juntamente com os novos camaradas, comecei a trabalhar. Antes de tudo, tomamos conhecimento detalhado do que espera o homem enviado ao Cosmos. O médico militar Vladimir Ivanovitch, um dos mais eminentes especialistas de medicina aeronáutica, falou-nos minuciosamente sobre os fatores que atingem o organismo vivo em vôo pelos espaços cósmicos. Ele dividia todos esses fatores em três classes. Na primeira se encontravam os fatores dependentes do estado físico do próprio espaço cósmico: baixa

reas Militares, Constantin Andréievitch Verchinin. Nesse encontro, entre outros méritos gerais de nossa aviação, tive a grande satisfação de ver um dos primeiros heróis da União Soviética, Nicolai Petrovitch Kamánin, do qual muito ouvira falar pelo seu antecessor, o comandante do aeroclube de Sarátov, Denisenko. Pela primeira vez na vida, nós, jovens oficiais, tivemos a oportunidade de conversar com um marechal de aviação. Ele nos tratou paternalmente, como se fossemos seus filhos. Mostrava interesse pela marcha do serviço, pelos assuntos familiares, perguntava-nos pela esposa e os filhos e, finalmente, disse o que de nós esperava a Pátria.

Desde então, eu deveria afastar-me do regimento, despedir-me dos camaradas e, juntamente com a minha família, seguir para o local onde deveria servir. Abria-se uma nova e a mais interessante página de minha vida.

Voltei à casa no dia de meu aniversário. Vália já sabia que eu tinha sido admitido, e assara um bôlo, enfeitara-o com as minhas iniciais e escrevera o número 26. Imaginou-se: ainda há pouco passara pelos 16 anos, e já tinha 26! Mas, me sentia como se ainda fosse o jovem aprendiz, exultava-me ante o vasto e ensolarado mundo que se descortinava aos meus olhos.

Reunimo-nos para comer o bôlo, eu e meus camaradas, Vália e suas amigas. E embora ninguém ainda o soubesse, todos presentiam que em breve deixaríamos a guarnição. Eu dissera a Vália que me haviam designado para um trabalho de voos experimentais e que em breve partiríamos para o centro da Rússia. Ela participara esta notícia às suas amigas. E todos pensavam: uma vez que Gagarin se tornou aviador de provas, vai experimentar novos aparelhos.

A mesa, falamos muito sobre os aviadores de provas. Conversava-se sobre a luta de nossa aviação



pressão barométrica, vácuo profundo efetivo; diversamente da terra, meio de composição gasosa; drástica mutação de temperatura; diferentes modalidades de radiações de íons; ameaça de meteoritos. O professor enumerava na segunda classe de fatos todos os dependentes dos voos em foguetes: barulho, vibrações, fortes descargas, impoderabilidade. E, finalmente, na terceira classe de fatores, os relativos à atmosfera artificial na nave cósmica, as proporções limitadas das cabinas, a redução da atividade de movimentos do homem que se encontra a bordo, sua tensão emocional, a sobrecarga dos nervos e do psíquico e, por fim, a falta de conforto resultante da necessidade de roupas especiais.

Tudo isto era novo, interessante, e nós escutávamos de respiração suspensa, sem perder uma só palavra. Iríamos como que abrir uma porta no mundo da Ciência.

Cada dia, Vladimir Ivanovitch e outros especialistas desvendavam diante de nós, aviadores militares, quadros maravilhosos do que já havia sido executado e alcançado pelos cientistas, pelos pesquisadores, e de como influenciavam todos os fatores do vôo cósmico sobre o organismo vivo. Ocorria que já em 1951, além das experiências de laboratório e dos Institutos, haviam-se efetuado pesquisas biológicas em foguetes lançados para o alto e em cujo interior se colocavam cobaias.

O primeiro desses voos, realizado na União Soviética a uma altura de 112 mil metros, fora coroado de êxito. Tinham-se obtido dados demonstrativos da possibilidade de, em curto prazo, chegar em seres vivos ao Cosmos. Logo a seguir fora empreendida a tentativa de estudo da permanência de animais em escafandros e cabines herméticas e seu lançamento a grandes alturas em sistemas de para-quedas. E foram lançados a uma altura de 90 quilômetros durante 65 minutos.

Continuar

II Conferência dos Lavradores Fluminenses

Reforma Agrária Imediata e Sindicalização Dos Camponeses

Seiscentos delegados representando quarenta associações de camponeses de diversos municípios fluminenses, reunidos durante os dias 15, 16 e 17 do corrente no ginásio Calo Martins, em Niterói, realizaram a II Conferência dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Estado do Rio. O convênio, convocado para o debate da situação dos lavradores e para a adoção de medidas para a melhoria da situação dos camponeses por suas reivindicações e direitos, elegeu a delegação fluminense ao I Congresso Brasileiro de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, a realizar-se em Belo Horizonte na primeira semana de outubro. Representarão o Estado do Rio mais de cem camponeses de diferentes municípios. As principais resoluções adotadas pela conferência dizem respeito à intensificação da luta pela reforma agrária e a uma campanha de grandes proporções pela sindicalização em massa e rápida-

mente dos homens do campo fluminense.

A sessão de encerramento, na noite do dia 17, compareceram, entre outras personalidades, o governador Celso Peçanha, deputados federais Adão Pereira Nunes, Vasconcelos Torres, Bocaluva Cunha, Aarão Steinbruck e Tenório Cavalcanti, diversos deputados estaduais, Lindolfo Silva (presidente da ULTAB), Ivan Ribeiro (representando o ex-senador Luiz Carlos Prestes) e Cel. Oscar Bastos (representando a Frente de Resistência Democrática). A solenidade teve início às 20 horas e veio terminar apenas às 1.30 horas do dia seguinte, tendo diferido em muito do habitual em tais ocasiões. Os delegados à conferência, pondo em prática já as resoluções da reunião, pressionaram as autoridades presentes a uma tomada de posição, tendo o governador Celso Peçanha ali mesmo nomeado uma

comissão para resolver em definitivo a situação das terras devolutas do Estado e atendido a outras reivindicações dos camponeses. Sob aplausos entusiastas de todos foi exibida a fita cinematográfica "Morte ao Invasor", documentário da última invasão mercenária imperialista ao território de Cuba. Antes do encerramento os camponeses renderam um preito à beleza feminina, elegendo a Rainha da II Conferência, uma linda jovem, filha de um dos delegados do município de Nova Iguaçu. Ao final todos cantaram o Hino do Lavrador, de melodia composta por um dos camponeses e letra de autoria do deputado Francisco Julião.

PASSEATA

No sábado, dia 16, os conferencistas realizaram uma passeata percorrendo as principais ruas de Niterói. A frente do cortejo, ao lado dos líderes dos trabalhadores rurais do Estado do Rio, José Puzos, Manoel Ferreira Lima, Bráulio Rodrigues (que foi o secretário executivo da conferência), José Joaquim Antônio e outros, estava o deputado Francisco Julião, presidente de honra das Ligas Camponesas do Nordeste. Também participaram da passeata dirigentes do Conselho Sindical de Niterói e o deputado Adão Pereira Nunes. Na praça Martin Afonso os lavradores promoveram um grande comício, sendo os oradores muito aplaudidos pela massa popular que se deslocou até o local. Também vibrantemente aplaudidos foram os oradores que se pronunciaram na sessão de abertura da conferência, no dia 15, par-

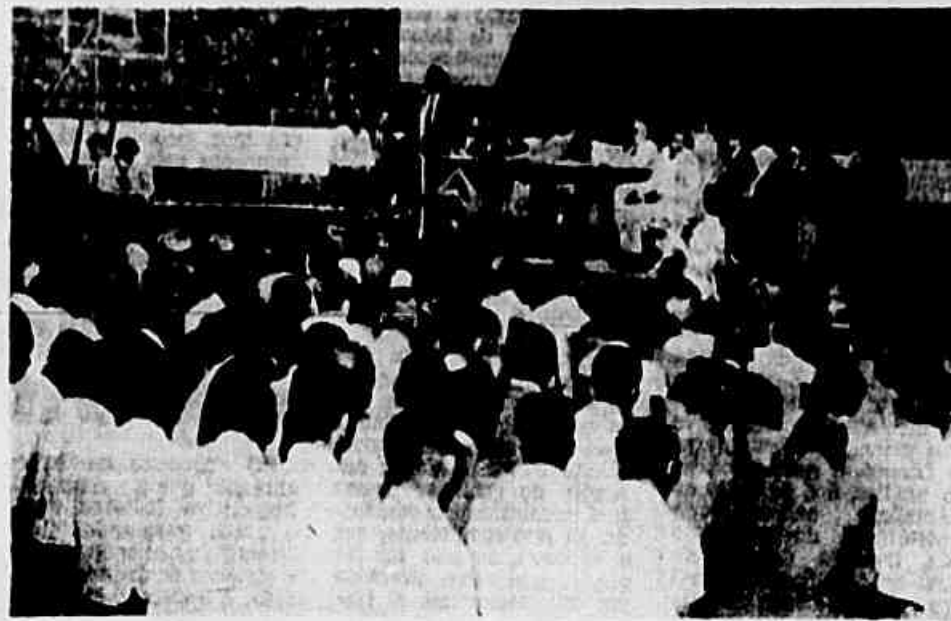
ticularmente o prefeito de Niterói, sr. Wilson Oliveira.

ALIANÇA OPERARIO-CAMPONESA

Um dos maiores males políticos da conferência foi o reforçamento da aliança

operário-camponesa. Delegações fraternais de inúmeras entidades sindicais prestigiaram o convênio, comparecendo às reuniões plenárias e de comissões e contribuindo nos debates. A própria realização da conferência só foi possível de-

vida a grande ajuda material prestada aos camponeses pelos trabalhadores urbanos. Também os estudantes participaram ativamente dos trabalhos da conferência, funcionando como assessores em várias comissões.



Mais de 500 delegados camponeses, muitos acompanhados de suas famílias reuniram-se no Ginásio Calo Martins, em Niterói, para dizer que querem reforma agrária e uma legislação que permita ao trabalha-

dor agrícola lutar eficientemente pelas suas reivindicações. Elegeram também os delegados que irão representá-los no Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas.



Heleno Prestes e Cláudio Correia de Castro, juntamente com Tereza Rachel, criam os três personagens centrais do texto de Brecht, um dos melhores espetáculos apresentados a platéia carioca na atual temporada.

OS FUZIS NA PRAÇA

Pero Vaz

"Que tempos estes, em que falar de árvores é quase um crime, pois implica no silêncio de tantas vilanias!"

Versos do poema "Aos que nascerem depois de nós", de Bertolt Brecht, o dramaturgo alemão tinha exata consciência da impossibilidade do neutralismo no mundo de hoje. Até mesmo para o escritor a neutralidade é impossível, pois recusando-se a criticar a sociedade em que vive ele a aceita, recusando-se a participar das lutas de seu tempo ele toma posição, inconscientemente, ao lado do inimigo. — Cada vez mais me convence de que aquele que lava as mãos, lava as mãos em sangue, diz o operário Pedro Jaqueras Carrar. Não só para o intelectual, para qualquer ser humano a neutralidade é impossível. A não participação, a omissão, a fuga, a de "Os Fuzis da Senhora Renúncia" — são formas de covardia, ou de suicídio. Aquêles que enterram os fuzis para não lutar, terão

um dia que desenterrá-los para vingar seus mortos. Varias das peças de Brecht são consideradas circunstanciais e transitórias. "Os Fuzis da Senhora Carrar", uma delas. No entanto, o que mais impressiona nessa pequena obra-prima que o Teatro da Praça leva à cena todas as noites é a atualidade de seu tema. Foi escrita no início da guerra civil espanhola; poderia ter sido escrita hoje. Talvez esteja mesmo muito mais ajustada aos nossos dias, pois além da tese claramente exposta, vem carregada de um reforço dramático inestimável: o exemplo histórico: os Estados Unidos, a França e a Inglaterra pagaram duro preço pelo seu neutralismo diante das botas fascistas que esmagavam a Espanha. Brecht destrói inteiramente a ilusão de que a neutralidade é uma posição de segurança: Tereza Carrar, (Tereza Rachel na maior criação de sua carreira) que se recusa a entregar os fuzis que pertenciam a seu marido, e que impõe aos filhos a sua

própria neutralidade, impedindo-os de combater, tem uma ilusão de segurança. Como todos os que defendem a posição do "não comprometimento" (na verdade, são eles duplamente comprometidos, pois, conscientemente, sabotam os que lutam a seu favor e, inconscientemente, ajudam os que virão destruí-los). Tereza Carrar terá um dia que desenterrará os fuzis para vingar um filho morto. Morto sem combater, morto em sua neutralidade.

Não é de estranhar o sucesso que vem alcançando o Teatro da Praça com essa peça, o entusiasmo de que são tomados os espectadores todas as noites, aplaudindo de pé: ela diz as palavras exatas, formula as posições justas para os momentos que todos estamos vivendo. Quando Jaqueras (Cláudio Correia e Castro em magnífica interpretação) diz que "aquele que lava as mãos, lava as mãos em sangue", pensamos imediatamente em Jânio Quadros. E quando verbera os generais fascistas, Franco, Mola, etc., sentimos impetos de gritar alguns nomes familiares.

E bem verdade que o neutralismo é, taticamente, defensável, como posição transitória, para aqueles que conseguem libertar-se de uma aliança forçada com o inimigo. Nesse caso, a neutralidade enfraquece temporariamente o adversário, em vez de ajudá-lo, como na tese brechtiana (e o caso do Brasil, no plano político internacional, por exemplo). Mas não é o caso da sra. Carrar: como não é o da Lugoslavia, que tem todas as condições para optar por uma posição mais consequente. Não era também o caso do nosso povo diante do último golpe militar. E o povo o entendeu e tomou posição, apesar de toda a pregação golpista para mantê-lo passivo.

O espetáculo dirigido por José Renato para o Teatro da Praça Cardel Arcoveado obedece aos preceitos aristotélicos dentro dos quais foi concebida a obra, o que causa estranheza a espectadores desavisados que esperavam vê-lo utilizar o célebre efeito de afastamento. Certo crítico teve mesmo a infelicidade de acusar o diretor por isso. Ignorando as origens da obra, não veemente apelo à identificação com os personagens, sem contudo embolar-lhe o raciocínio. Razão e emoção conjugam-se perfeitamente, mostrando que isso é possível e válido (e o próprio Brecht estaria de acordo, discordando dos "brechtianos").

Também diante desse espetáculo a neutralidade é impossível, é preciso ir vê-lo e discutí-lo.

Há dias, muitas vezes apaixonadamente irreais à primeira vista e nos primeiros momentos, em que sucedem acontecimentos muito importantes e que se inscrevem na história da humanidade como dias muito significativos.

Um desses dias foi o 31 de maio de 1941, em que sucedeu um fato supostamente sem grande importância, mas com consequências de grande alcance e que ficaram escritas, através dos séculos na história da luta dos povos pela liberdade e a justiça.

No dia 31 de maio de 1941, dois jovens patriotas gregos, Manolis Glezos e Apostolos Sandas, penetraram no bastião da Acrópole ateniense, arrancaram do mastro a bandeira nazista com a cruz gamada e hastearam em seu lugar a bandeira nacional grega. Seu ato heroico, realizado com o risco da vida, foi o sinal para levantar o movimento de resistência do povo grego contra os ocupantes e teve grande ressonância. Inclusive fora das fronteiras da Grécia, em outros países europeus ocupados pelos nazistas, cujos povos se ergueram numa luta ainda mais vigorosa contra o fascismo.

Depois da libertação da Grécia, Manolis Glezos foi laureado herói nacional. Seu nome converteu-se — não só na Grécia — num símbolo do patriotismo ilimitado símbolo de luta heroica pela justiça e a independência dos povos. Como jornalista, dirigente do partido progressista EDA e depois do Parlamento, Manolis Glezos, juntamente com outros patriotas gregos, intensificou a luta pelo estabelecimento da democracia na Grécia, por uma vida melhor, mais digna e humana para seu povo, pela liberdade e a soberania de sua pátria.

Por sua ação heroica durante a guerra, Manolis Glezos foi condenado à morte — à revelia — pelos ocupantes nazistas. Conseguiu então escapar aos verdugos. Contudo não conseguiu escapar à justiça da Grécia atual.

Foi preso várias vezes durante os últimos 16 anos, julgado e encarcerado. Passou muitos anos nos mais diversos cárceres e nas condições mais amealhadoras para sua saúde e sua vida. Foi condenado à morte pela segunda vez e somente graças a uma poderosa onda de protestos da opinião pública mundial, sua vida foi salva. Recentemente, num processo vergonhoso, montado em contradições com todos os princípios de justiça reconhecidos, foi condenado a cinco anos de prisão, e isso no momento em que, há pouco, Adenauer e Karamanlis haviam concordado em anistiar aqueles contra os quais Manolis Glezos e os outros patriotas gregos lutaram — cerca de 800 criminosos de guerra alemães — e libertar os que ainda permaneciam presos na Grécia.

A condenação de Manolis Glezos levantou uma tempestade de protestos em muitos países. Também foram inúmeros os protestos de todas as partes do mundo quando o rei da Grécia se

negou a dar satisfação aos pedidos de perdão.

UM GRANDE COMPROMISSO

Nova onda de protestos contra a prisão do herói do povo grego ergueu-se nos dias do XX aniversário de sua ação valiente e patriótica. De todos os pontos da Grécia e de outros países, da França, de Cuba, Inglaterra, Austrália, etc., chegaram diariamente ao governo grego telegramas e mensagens exigindo que Manolis Glezos seja posto em liberdade.

Na própria Grécia milhares de cidadãos assinaram memoriais exigindo a libertação de Manolis Glezos. Frequentemente delegações de cidadãos, levando abaixo assinados pedindo que Manolis Glezos seja libertado, procuram as redações dos jornais e as direções dos partidos políticos. Os 15 escritórios gregos mais conhecidos publicaram uma declaração ao povo e, particularmente, aos artistas gregos a que comemorassem o aniversário do feito épico do herói, exigindo mais acentuadamente o fim do seu encarceramento. Foi criado na Grécia um Comitê especial para organizar as comemorações desse aniversário, a cuja frente se encontra o general Skandalis. O Comitê publicou um manifesto ao povo grego, no qual se diz, entre outras coisas:

Que os pensamentos voltam até aqueles tempos, para que o povo recorde aquela alegria infinita, que se estendeu por toda a Grécia, ao conhecer-se esta primeira ação de resposta de uma pátria invadida contra os bárbaros ocupantes. Passados dois dias, os intrusos hitlerianos haviam festejado seu triunfo sobre a Grécia heróica — a última fortaleza não escravizada da Europa combatente. O inferno da noite nazista caiu sobre nosso povo, sobre nosso país. Apesar disso, inclusive nessa noite, a extirpação da cruz gamada sobre o mastro da Acrópole tornou-se uma palavra de ordem simbólica para o levante de toda a Europa escravizada. A chispa de esperança, como uma mensagem de resistência contra o barbarismo, fora lançada do berço da civilização e da democracia, de Atenas.

O aniversário da ação que glorificou a Grécia e para o qual um grande compromisso, o 31 de maio pertence ao povo, pertence às páginas mais brilhantes de sua história e deve ser honrado por todos aqueles que lutam.

XVIII CONGRESSO METROPOLITANO DOS ESTUDANTES

De 23 a 30 do corrente reuniram-se, na sede da UNE, o XVIII Congresso Metropolitano dos Estudantes, que debaterá um amplo tema abrangendo questões educacionais, científicas, universitárias e de Diretores e Bases, principalmente, e problemas de política nacional e internacional. O Congresso elegerá o Tribunal Eleitoral Metropolitano, órgão que presidiará, na primeira quinzena de outubro, as eleições para o novo diretoria da União Metropolitana dos Estudantes.

ram e sofreram, por todo o povo.

Em que pesem diferenças que nos dividem, os gregos temos tido sempre algo que nos une: através dos grandes momentos de nossa história, o valor e o amor à Pátria.

"Unamo-nos, todos os gregos, para a comemoração do XX aniversário do 31 de maio de 1941, para que também a jovem geração transmitamos esta mensagem: So aquilo que une o povo pode honrá-lo, mantê-lo vivo e o inscrever na história. Os povos não permitirão a restauração do barbarismo fascista, que ameaça de novo a liberdade, a democracia e a dignidade humana".

No aniversário do 31 de maio de 1941, o próprio Manolis Glezos enviou, da masmorra onde se encontra, uma mensagem ao povo soviético, aos povos do mundo e ao povo grego. Nela recorda os acontecimentos de vinte anos atrás e diz: "Essa ação não foi só a ação de dois jovens. Foi o braço do nosso povo que arrancou o odioso símbolo do fascismo e da guerra e desde a antiquíssima Acrópole fez ressoar a voz vitoriosa da democracia. Nós fomos apenas o braço justiciero da indignação fervente".

Em sua mensagem, Manolis Glezos rende homenagem a todos os combatentes anônimos contra o fascismo, que ao preço de seu sangue e de sua vida abriram a humanidade o caminho do futuro. E depois diz: "O nazismo foi derrotado nos campos de batalha da União Soviética e de outros países e seus crimes e barbarismos foram julgados. Apesar disso, as forças que apoiaram o fascismo forçam outra vez novos planos contra a paz e a democracia. Para render uma homenagem verdadeira à obra dos combatentes da resistência, temos que fortalecer a amizade entre os povos, lutar contra a guerra e pela coexistência pacífica, como o fazem, incessantemente, o povo soviético e seus dirigentes".

Por decisão das municipalidades de grandes bairros de Atenas e El Pireo realizou-se a comemoração de honra da ação heroica de Manolis Glezos. Em que pese a proibição da polícia, reuniram-se nas proximidades da Acrópole ateniense milhares de cidadãos para comemorar o aniversário do acontecimento de tanta significação para o movimento de resistência do povo grego.

SÍMBOLO DE LIBERDADE

É muito natural que seus colegas, os jornalistas de todos os países, lutem para que ele seja posto em liberdade e devolvido à sua família, ao seu povo. A Organização Internacional de Jornalistas publicou em 18 de maio deste ano uma declaração conciliando seus associados a se dirigirem às autoridades gregas exigindo justiça para o herói. Igualmente a O.I.J. dirigiu-se ao rei da Grécia, ao ministro presidente sr. Karamanlis,

Canto de Página

Envida

Isso de anistia

Estou lendo nos jornais que já se começa a falar em anistia para aqueles que tentaram tornar o Brasil uma colônia lanque implantando uma ditadura militar-fascista. Anistia, por quê? Fosse eles os vencedores e estariam vivendo momentos tremendos de terror e de atos ignominiosos. A eles jamais ocorria de nenhum modo pensar em anistia. Então os jacaré-cangas-boys (assim chamou Adalgisa Neri aqueles que vivem fazendo maseiras) os aragarcas-boys e certos militares ou civis podem continuar impunes, quando durante mais de treze dias viveram em luta, quando eles mandavam prender operários, invadir sindicatos, quando levavam estudantes às prisões, invadindo a UNE, quando militares que defendiam como povo a Constituição eram lacrados em prisões (lacrados, sim!) então, já se fala em anistia para esses inimigos nossos, inimigos do país e do povo? Como anistia? E por isso mesmo que os jacaré-cangas-boys, que são os mesmos aragarcas-boys divertem-se, fazem estrepitos não pensando em Brasil nem no povo, mas em si próprios, como se fossem crianças travessas brincando com fogo.

Então, já se fala em anistia para aqueles que impunham (forçadamente) o povo brasileiro acordou aos jornais o laço de ferro da censura, tentando pisar com suas esporas o que de mais sagrado é sua imprensa livre?

Anistia para que eles, os mocinhos, continuem impunemente a brincar com as novas vidas? Nem eu mesmo, que sou uma sentimental, posso conceber isso. Como não carrego comigo nenhuma originalidade, pois sou mulher banal, creio que pensaria como eu toda aquela gente que lutou decisivamente em defesa de nossa liberdade.

Venho agora mesmo de Vitória no Espírito Santo, onde fui tomar parte no I Festival do Livro na cidade bonita que comemora quatrocentos e dez anos de vida. Lá o governador e as Forças militares em conjunto disseram não a maseira e o povo não sentiu como nos (que estivemos no foco, da sede, na base da conjuração militar-fascista) aqueles dias sombrios, mas nem por isso deixaram os operários de declarar greve pacífica em defesa da legalidade. F. lá, naquela pequena e tão bonita cidade também é Brasil, também se ama a Liberdade e por ela se luta.

Recebo notícias de minha terra, a tão amada Botafogo do Pará e vejo que lá também os jovens se reuniram para fundar um movimento em defesa da Constituição e da Liberdade. Penso: toda essa gente se tiraremos não derrotados pelas metralhadoras e os fuzis, o que seria deca? Seríamos anistitados? Teríamos direito a viver? Não e não. Deixemos de ser os célebres cordeiros e continuemos cidadãos vigilantes: que se apurem responsabilidades, que se abram inquéritos e que os condenados cumpram a condenação que merecerem. Porque eles não dormem nem esmorecem. E bem não esquecermos disso, nós, povo.

MANOLIS GLEZO DEVE SER LIBERTADO

do mundo que amam a paz, a democracia e a liberdade, é evidente que obterá a sua vitória definitiva.

Os jornalistas tchecos reuniram-se em Praga numa concentração de protesto, na qual aprovaram por unanimidade uma resolução onde se diz:

"Os dois anos e meio de encarceramento de Manolis Glezos significam uma grossa violação dos princípios democráticos internacionalmente reconhecidos e das ideais básicas da liberdade de imprensa. O nome de Glezos converteu-se em todo o mundo num símbolo da luta pela democracia e pela paz. O governo que, apesar disso, continua mantendo-o em prisão, pisoteia seu próprio prestígio e desnuda diante da opinião internacional a verdadeira face de sua política. No espírito de solidariedade internacional dos jornalistas democráticos, exigimos que Manolis Glezos, laureado com o Prêmio Internacional de Jornalismo 1960, seja posto em liberdade imediatamente e lhe seja dada a possibilidade de continuar seu trabalho de publicista".

A Associação de Jornalistas da Mongólia enviou ao rei da Grécia um telegrama no qual exige mais uma vez a imediata libertação de Manolis Glezos e demais patriotas presos.

A Associação de Jornalistas da China enviou uma carta ao ministro da Justiça da Grécia protestando contra a posição do governo que se faz surdo ante a reivindicação de todo o mundo, de que seja posto em liberdade o grande patriota grego. Os jornalistas chineses exigem que o rei da Grécia atenda ao desejo dos jornalistas de todo o mundo e em nome da justiça, Manolis Glezos seja libertado imediatamente.

Também a Associação de Jornalistas do México, que organizou uma conferência sobre Manolis Glezos em fins de maio, dirigiu-se ao ministro da Justiça da Grécia. Nessa conferência foi exigida publicamente a liberdade de Glezos.

ABERTAS AS ASSINATURAS PARA 1962!

CHINA ILUSTRADA

Revista Mensal. A vida do grande povo chinês, em fotos e textos, 44 páginas, sendo 16 em maravilhosas cores. Política interna e externa; vida social; agricultura; indústria e comércio; educação; cinema e teatro; arte; literatura; esportes, etc. Lida em mais de 120 países. Aparece em espanhol, inglês, francês, japonês, árabe, alemão e vários outros idiomas.

OFERTA ESPECIAL

As pessoas que fizerem sua assinatura até 30 de outubro, receberão gratuitamente as revistas de outubro, novembro e dezembro deste ano, os 12 números de 1962 e mais uma coleção de belíssimas pinturas chinesas. Preço da assinatura anual Cr\$ 500,00.

Pedidos, acompanhados de cheque ou vale postal a:

Jurandir Guimarães
Agência Intercâmbio Cultural
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28
SAO PAULO

Tópicos Típicos

Pedro Severino

Ilustre senhor governador do Estado da Guanabara (meu verso não se anima a dizer vossa nome aqui de forma clara por uma simples razão: a rima).

Chamo a vossa atenção para a extrema gravidade do momento atual quando a massa do povo já percebeu, afinal, o quanto Vossa Excelência nos governa mal.

Por que Vossa Excelência não hiberna? Um retiro tranqüilo num sanatório de Berna vos faria bem (e ao povo do vosso Estado também).

Vossa Excelência já foi até cognominado "O Belo Antônio das Conspirações": mesmo quando a, vence, não as aproveita. (O carioca adorou milhões o fracasso do vosso golpe de direita). A cidade está cheia de lixo e o dinheiro do jogo do bicho não deu para construir as escolas e hospitais que Vossa Excelência prometera; e mais:

as sensacionais perseguições ao contrabando não trouxeram água para a nossa torneira. Faça Vossa Excelência uma experiência; faça um pequeno teste de popularidade: passeie pela cidade, pergunte ao eleitorado o que pensa a respeito da vossa presença no governo do Estado. (Chegando ao Mourisco Vossa Excelência corre o risco de molhar-se na resposta que vos dá a estúpida que existe por lá, a doleira histeriada e desinibido garotinho: o Manequinho).

CONVITE

Rio de Janeiro, E.O., 18 de Setembro de 1961.

A VERDADE DE UM ATO

Sua primeira mensagem ao Congresso dos Estados Unidos, logo depois da posse, revela as primeiras coordenadas da política. Dizia ele em 31 de janeiro: "Em primeiro lugar devemos fortalecer nossos meios militares... Assim, instruí o secretário da Defesa para que reconsidere toda a nossa estratégia de defesa... a adequabilidade, MODERNIZAÇÃO E MOBILIDADE DE Nossos SISTEMAS DE ARMAS NUCLEARES e convencionais à luz dos perigos atuais e futuros".

Berlim, um foco perigoso de tensão na atual crise, foi transformada em forte e centro de provocações contra o governo da Alemanha Democrática.

Os atos de ambos os campos definem perfeitamente os objetivos de cada política. A União Soviética, desde o primeiro momento, lutou pela paz e pelo desarmamento, efetivamente. Suas intervenções no campo da política internacional foram (todas neste sentido e, em muitos casos, contribuíram decisivamente para eliminar perigosos focos de guerra (Coreia, Indochina e Laos) criados pelos imperialistas. A URSS em 1938, após reiterados apelos, decidiu unilateralmente suspender as experiências atômicas (e o fez num período em que praticamente estava em desvantagem em relação aos Estados Unidos, pois havia realizado poucas experiências nucleares, enquanto estes já haviam ultrapassado o número de 170) e depois lutou para que se realizassem conversações tendo em vista a suspensão definitiva desses experimentos. O mundo conhece as marchas e contramarchas das negociações. Durante quatro anos reuniram-se os representantes das potências do chamado Clube Atômico (URSS, EUA e Inglaterra) em Genebra. Essas reuniões não levaram a nada. Durante quatro anos as potências imperialistas, pelos seus representantes em Genebra, tentaram enganar o

O mesmo ocorre no terreno do desarmamento visto em seu conjunto. Nesse aspecto, aliás, a posição ocidental ainda mais indecisiva. O primeiro-ministro Krushchov, falando na maior assembleia da ONU de setembro de 1953 apresentou ao mundo um plano de trabalho sobre o desarmamento geral e completo, plano que corresponde ao sentido da política dos países do campo socialista e que atende aos anseios de paz de toda a humanidade. Dois anos se passaram e os noroeste-americanos, durante todo esse tempo, apenas se limitaram a rejeitar o plano da União Soviética. A única coisa que dizem, porque outra não podem, é que a proposta de Krushchov não passa de "propaganda comunista". Não opuseram razões lógicas para rejeitá-lo, nem ao menos tiveram condições de apresentar um substitutivo.

18 de Setembro de 1961.

União de Pequena Cabotagem de Marinha Mercante.

37) Sindicato Nacional dos Caminhoneiros da Marinha Mercante do Estado de Pernambuco. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

38) Sindicato Nacional dos Motoristas Condutores de Máquinas Mercantes.

39) Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro.

40) Sindicato dos Jornalistas Escrevidores e Escrivães do Interior do Estado da Guanabara.

41) Sindicato dos Empregados do Edifício do Rio de Janeiro.

42) Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes de Bônifaria do Estado da Guanabara.

43) Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Construção Civil da Bateria de Niterói e Nova Iguaçu.

44) Sindicato dos Têxteis e das Indústrias de Produtos Químicos de Nova Iguaçu.

45) Sindicato dos Caminhoneiros das Indústrias de Artefatos de Borracha de Nova Iguaçu.

46) Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Plástico e Embalagem do Duque de Caxias.

47) Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Pálidos e Borracha de Nova Iguaçu.

48) Sindicato dos Motoristas Autônomos da Zona Sul do Estado do Rio.

49) Sindicato dos Armadores do Estado da Guanabara.

50) Sindicato dos Práticos, Artilheiros e Mestres de Cabotagem de Nova Iguaçu.

51) Sindicato dos Oficiais Alfaiates e Costureiros do Estado da Guanabara.

52) Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Açúcar do Estado da Guanabara.

53) Sindicato dos Empregados em Indústrias de Bebidas do Estado da Guanabara.

54) Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Bebidas do Estado da Guanabara.

55) Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Artefatos de Couro do Estado da Guanabara.

56) Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados do Estado da Guanabara.

57) Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários do Estado da Guanabara.

58) Sindicato dos Empregados do Comércio do Estado da Guanabara.

59) Sindicato dos Empregados em Empresas de Divulgação Cinematográfica do Estado da Guanabara.

60) Sindicato dos Oficiais Eletricistas do Estado da Guanabara.

61) Sindicato dos Estudantes do Rio de Janeiro.

62) Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Energia Elétrica do Estado da Guanabara.

63) Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Saneamento do Estado da Guanabara.

64) Sindicato dos Trabalhadores em Ferrovias dos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

662. Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias do Fumo do Estado da Guanabara.

673. Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Gráficas do Estado da Guanabara.

680. Sindicato dos Empregados no Comércio Hotelero e similares do Estado da Guanabara.

689. Sindicato dos Officiais, Marinheiros do Estado da Guanabara.

701. Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado da Guanabara.

713. Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Mármore do Estado da Guanabara.

724. Sindicato dos Operários Navegantes dos Estados do Rio e da Guanabara.

733. Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Papel e Pálpico do Estado da Guanabara.

741. Sindicato dos Trabalhadores em Distritos e Refinação de Petróleo do Estado da Guanabara.

750. Sindicato dos Trabalhadores em Pedreiras do Estado da Guanabara.

760. Sindicato dos Professores do Estado da Guanabara.

777. Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários do Estado da Guanabara.

787. Sindicato dos Radialistas do Estado da Guanabara.

799. Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Plástico do Estado do Estado da Guanabara.

800. Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Trigo do Estado da Guanabara.

811. Sindicato dos Trabalhadores Telefônicos e Radiotelegráficos do Estado da Guanabara.

820. Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado da Guanabara.

830. Sindicato das Trabalhadoras nas Indústrias de Têxteis, Saitos, Formas e Pau, do Rio de Janeiro.

841. Sindicato dos Marítimos do Amapá.

850. Sindicato dos Dirigentes de Representação da P.N.M. do Estado do Rio de Janeiro.

861. Sindicato dos Produtores Farmacêuticos do Rio de Janeiro.

868. Sindicato dos Empregados em Sociedades de Beneficência do Estado do Rio de Janeiro.

874. Sindicato das Terceiras e Irmãs das Ordens Religiosas do Estado da Guanabara.

880. Sindicato dos Magistralistas e Escolas de Geradores Termoeletricos e Congêneres, Exclusivos Marítimos do Estado da Guanabara.

890. Sindicato dos Empregados em Escritórios de Empresas de Navegação do Rio de Janeiro.

900. Sindicato dos Engenheiros do Estado da Guanabara.

910. Sindicato dos Vigias Portuarios do Rio de Janeiro.

920. Sindicato dos Engenheiros, Têxteis, Congêneres e Congêneres do Rio de Janeiro.

932. Sindicato dos Trabalhadores das Empresas Comerciais de Minérios Combustíveis.

933. Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Joalheria do Estado do Rio de Janeiro.

940. Sindicato dos Trabalhadores no Estado da Guanabara.

Paraná: Povo Lutou...

engenheiros, especialmente, criaram serviços especiais para atender imediatamente a qualquer solicitação. Na sede da Assembléia Legislativa foi organizado o primeiro Posto de Saúde na capital paranaense. Também é digna de destaque a decisão do prefeito Batista da Costa, de Ponta Grossa, que atuando de comum acôrdo com os dirigentes populares do movimento de resistência na cidade, facilitou a organização de uma junta de alistamento de voluntários e promoveu a criação, durante a crise, de serviços especiais, tais como a criação de comissões de Abastecimento e Preços e Combustíveis.

ESTUDANTES E OS TRABALHADORES

Fator determinante da mobilização popular durante a crise foi a atuação dos estudantes e trabalhadores. Através da Aliança Operário-Estudantil constituída em Curitiba, que depois se ramificou por todo o Estado, dirigiram a organização dos comitês de resistência, orientaram a ação do povo e esclareceram sobre os objetivos da luta.

Os estudantes deflagraram a greve geral, que foi respeitada em todo o Estado, maciçamente, e se lançaram ativamente a tarefa de organizar comitês e postos de voluntariado.

Os trabalhadores, através de pronunciamentos firmes e de uma ação ativa de esclarecimento e orientação, deixando claros os objetivos democráticos e nacionalistas gerais da luta que o povo travava, contribuíram valiosamente para despertar entre o povo o sentimento de defesa dos seus mais legítimos interesses.

AS AUTORIDADES E O EXÉRCITO

Posição coerente, de acordo com a exigência do povo paranaense, tomou o governador Ney Braga. Ele, que no primeiro momento se manifestava apenas pelo retorno do sr. Quadros à Presidência, colocou-se em seguida contra o golpe e

defende, a URSS e os demais países do campo socialista contribuem para fortalecer mais a luta de todos os povos do mundo pela paz e pela amizade entre os povos.

pela posse do sr. João Goulart. Vacillou em tomar essa posição, mas a pressão do povo e a exigência de um seu pronunciamento em favor da legalidade, levaram-no a se colocar ao lado de todas as forças que, no Brasil, lutam contra as forças militares e civis golpistas.

tes da decisão do coman-
do da V Região Militar
também tomaram imedia-
tamente um partido e deci-
diu a favor da Constitui-
ção. A atitude do II
Exército foi retribuída pela
população pacamente con-
sciente. Com a 2ª Ge-
rêrão, e foram numerosas
as manifestações de contra-
tização entre o povo e
os soldados. Durante os dias
da crise, quando contingen-
tes de tropas se deslocava-
ram para as fronteiras com
São Paulo, as organizações
populares da resistência
constituíram diversos gru-
pos de assistência às tropas.
Esses grupos integrados por
estudantes, operários, artís-
tas e representantes de ins-
tituições realizaram diver-
sas visitas à linha de fren-
te levando mantimentos e
eguarros para serem distri-
buídos entre os soldados. Os
artistas, que participaram
dessas caravanas fizeram
diversos espetáculos para a
tropa.

Diretor
 Maria Alves
 Diretor Executivo
 André Bonfim Júnior
 Redator Chefe
 Fragnon Borges

Gerente
Hernberg Cavalcanti
60: Av. Rio Branco
7º andar S/1712 — T
11-3344

RSAL DE S. PAU
15 de Novembro, 2
8º andar - S/827

Tel: 37-5264
 endereço telegráfico:
 NALPBR2222

ASSINATURAS	
.....	Cr\$ 500
.....	> 250
.....	> 130
.....	> 10
.....	> 16
SINATURA AEREA:	
.....	Cr\$ 1 800
.....	Cr\$ 100
.....	Cr\$ 500
.....	> 50

MARX • ENGELS

Obras Escolhidas 1ª vol./2ª edição ... 400,00

LÊNIN

○ Estado e a Revolução/2ª edição ... 250,00

LENIN

A aliança operário-camponesa 600,00

À venda em tôdas as livrarias

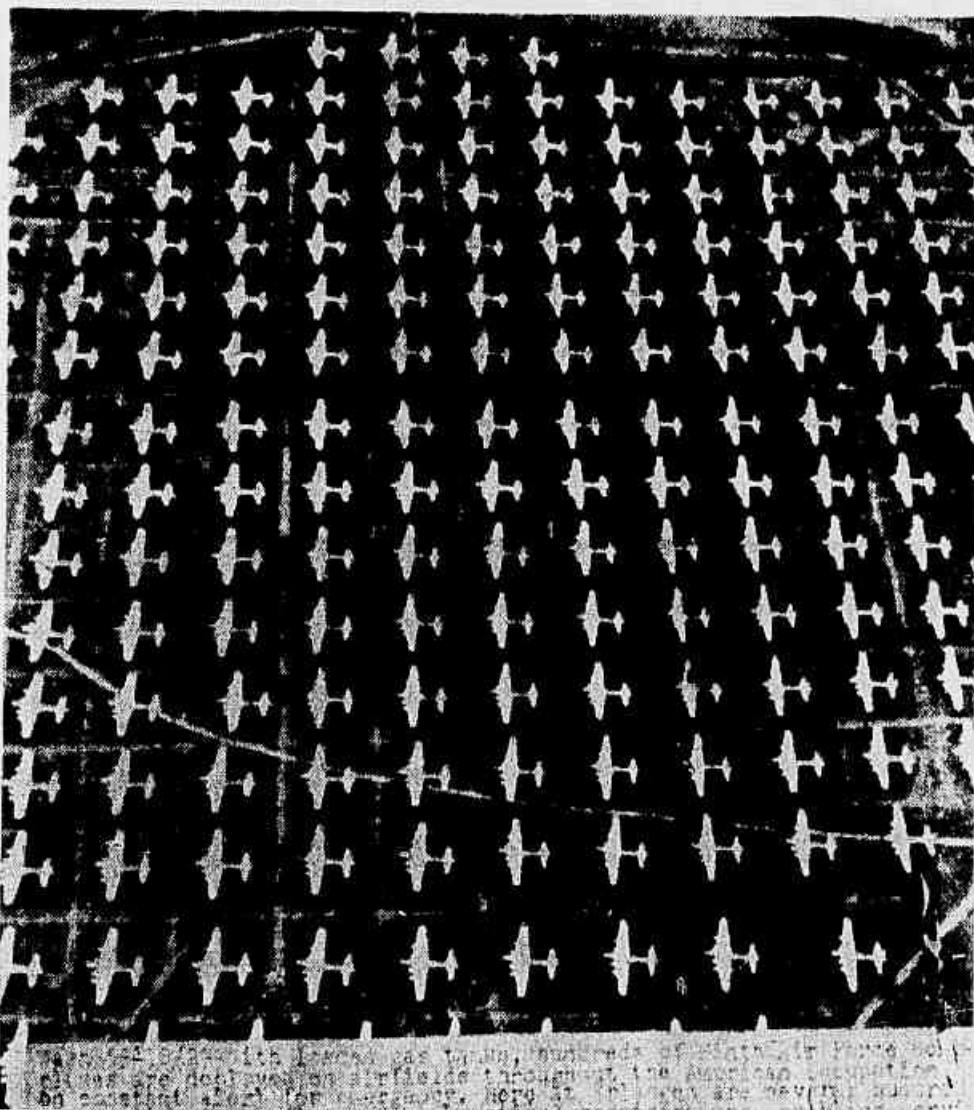
Pedidos pelo Reembolso — Caixa Postal, 165,
— Rio, GB —

Já saiu
GAGÁRIN
o homem soviético no Cosmos

Documentário com farto material fotográfico sobre o primeiro voo do homem ao espaço cósmico. Neste livro está impressa uma saudação de Gagarin, de próprio punho, por ocasião de sua recente visita ao Brasil.

Preço: Cr\$ 100,00

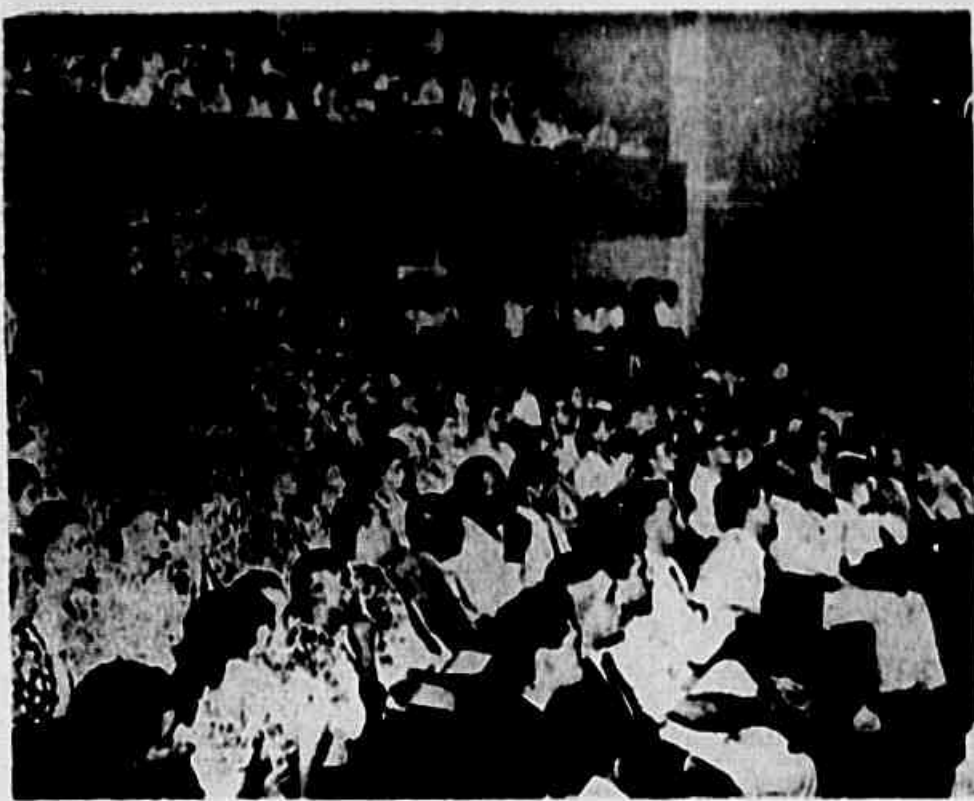
Um lançamento da Editorial Vitória Limitada
À venda nas livrarias
Atende-se pelo reembolso pela Caixa Postal 165
Rio. Gb.



Um perigo permanente para a paz mundial representam os aviões do Comando Estratégico do Ar, que voam constantemente nas proximidades do território soviético

equipados com bombas "A". Estes, estão sediados numa base norte-americana na Alemanha Ocidental, "prontos para entrarem em ação" segundo os belicistas.

CAMPAÑHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA



Mais de duas mil pessoas lotaram o Auditório da ABI e o saguão para assistir à Conferência do deputado Francisco Julião sobre as Ligas Camponesas.

A Aliança Operário-Estudantil Comandou a Batalha da Legalidade em Fortaleza

Reportagem de Annibal Bonavides
correspondente de NR no Ceará

Três passeatas impressionantes no centro da cidade, manifestações de protesto feitas por todas as formas contra a ameaça de ditadura, instalação de "território livre do Ceará" e da "casa da resistência democrática", lançamento de uma emissora clandestina em defesa da legalidade, memoriais, telegramas, distribuição de manifestos e folhetos, assembleias sindicais e estudantis, — foi com estas armas de grande potência patriótica e democrática que o povo cearense lutou firmemente nos dias da crise política que abalou o país.

Foram assim reafirmadas as tradições do Ceará. Tradições de luta pela causa da liberdade e da independência nacional. Tradições de heroísmo que os fatos de nossa História registram. Desta vez, a Aliança Operário-Estudantil de Fortaleza reviveu, magnificamente, com o apoio geral das massas populares, as páginas escritas pelos lutadores do passado, na capital cearense, no Vale do Cariri e em outras regiões do Estado, nas lutas civis e nas batalhas militares sustentadas pela Confederação do Equador, pela Independência, pela Abolição e pela República. A Aliança Operário-Estudantil foi a viga mestra da resistência do povo cearense contra o golpe fascista que se pretendia consumar. De nada valeram as investidas furiosas dos inimigos da democracia, com seu aparato bélico e sua campanha de provocações e intimidações. Defendendo uma causa justa, a Aliança Operário-Estudantil de Fortaleza impôs-se decididamente diante dos agentes da reação e do imperialismo lanque, levando-os à impotência e ao desespero.

«TERRITÓRIO LIVRE DO CEARÁ»
Quando, na tarde de sexta-feira, 25 de agosto, as emissoras de todo o Brasil lançavam ao ar a surpreendente notícia da renúncia de sr. Jânio Quadros, ao mesmo tempo em que fontes oficiais suspeitas levantavam uma dúvida sobre a posse do vice-presidente João Goulart, logo se viu, em Fortaleza, que centenas de estudantes procuravam o Clube do Estudante Universitário (CEU) e os operários se dirigiam às sedes de seus sindicatos. A noite desse mesmo dia, mais de mil estudantes do Colégio Estadual do Ceará desceram em gigantesca passeata rumo ao centro da cidade, cantando hinos patrióticos e realizando comícios relâmpagos, em defesa da Constituição e contra o golpe militar-fascista.

Mas no dia seguinte, as sedes de todos os sindicatos de Fortaleza foram ocupadas por forças militares, num clamoroso atentado à liberdade sindical e aos direitos democráticos do povo. Entretanto, a reação, que se precipitava tão infrene contra as organizações da classe operária, não tivera ainda o topete de ocupar o CEU, onde funciona o Restaurante Universitário. E foi para o CEU que acorreram os estudantes (universitários e secundaristas). Imediatamente se constituíram-se em assembleia permanente, formaram o Comando Central da Legalidade e lançaram proclamações ao povo, e convidaram todos os sindicatos operários da capital a se reunirem na Casa da Resistência Democrática, também chamada de "Território Livre do Ceará".

Faixas foram colocadas na fachada do edifício, que dá para a mais movimentada artéria central de Fortaleza — a Avenida Visconde de Albuquerque. Poderoso serviço de alto-falantes,

suas tropas, empunhando morteiros, metralhadoras e baionetas. Nunca se viu a cidade transformada em tamanha praça de guerra. O CEU foi totalmente cercado pelo inferno. Em dado momento, todo o tráfego foi impedido nas imediações e todas as vias de acesso estavam tomadas por tropas militares. A ordem era reprimir violentamente a passeata.

Para evitar um banho de sangue, a manifestação foi suspensa. Mas toda Fortaleza e o Ceará inteiro acompanharam esse grande momento que foi sem dúvida um dos mais altos da resistência democrática, nos dias da crise política que sacudiu o país, de norte a sul.

Mesmo sendo impedida, pela força bruta, de empunhar livremente as suas bandeiras nacionalistas e democráticas, na praça, que é do povo, como disse Castro Alves, os operários e estudantes cearenses fizeram a maior demonstração de sua gloriosa campanha, pela profunda repercussão alcançada pelo acontecimento.

PRISÕES DE LÍDERES SINDICAIS

Houve numerosas prisões de líderes sindicais em Fortaleza, nos dias da crise política. Prisões efetuadas pelo comando da guarnição federal e contando com a cumplicidade e o beneplácito do governador Parsifal Barroso.

Essas prisões iam sendo relaxadas ante a pressão e os protestos dos sindicatos e de outras organizações estudantis e populares.

Três delas, porém, se revestiram de maior gravidade, caracterizando nitidamente a onda de terror que se ia implantando, com a violação dos direitos e garantias constitucionais. Foram as prisões dos líderes sindicais José de Moura Bezerra, presidente do Sindicato dos Bancários, e Carlos da Costa Jataí, presidente do Sindicato dos Gráficos, além do comerciante Antônio Meireles.

Recolhidos à Base Aérea de Fortaleza, esses líderes sindicais ficaram presos incommunicáveis durante seis dias consecutivos, sem direito a banho, lavagem de dentes ou qualquer ajeio corporal, impedidos de ler jornais e tomar conhecimento de qualquer notícia.

Em prol da liberdade dos dirigentes operários, levantou-se imenso clamor na capital cearense. Elementos representativos de todas as classes e camadas sociais fizeram pronunciamentos pela liberdade de Bezerra, Jataí e Meireles, enquanto os sindicatos dos Bancários, Gráficos, Jornalistas Profissionais e Associação Cearense de Imprensa ficaram em assembleia permanente a partir do dia 7 de setembro.

Postos afinal em liberdade, os dirigentes sindicais foram alvo de estrondosa manifestação de desagravo, realizada no Palácio do Comércio, da qual participaram delegações de todos os sindicatos, das entidades estudantis e de organizações populares e do comércio.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES

A jornada em defesa da Constituição e da Legalidade abarcou, em Fortaleza, todos os setores políticos e sociais.

Como em todo o Brasil, a frente única legalista e democrática englobou todas as forças atuantes na vida pública, sem exceção.

Papel saliente coube, nessa luta, aos jornais "Gazeta de Notícias", "Diário do Povo" e "O Estado", bem como a todas as emissoras de Fortaleza.

A Ordem dos Advogados, Seção do Ceará, o Centro Médico Cearense, o Clube de Engenharia, a União Geral dos Sanitaristas, a União Geral dos Ferrovianos, bem como outras entidades representativas, lan-

caram vibrantes manifestos de protesto contra a ameaça golpista de Denys, Herk e Moss, a serviço do imperialismo lanque.

UMA EMISSORA DA LEGALIDADE

Durante os dias da resistência democrática, a população de Fortaleza e de localidades circunvizinhas teve a alegria de ouvir, em seus receptores de rádio, além das emissões da Cadeia da Legalidade (Pôrto Alegre), as irradiações de uma emissora clandestina que funcionou transmitindo notícias, lendo manifestos, fazendo conclamações. Essa emissora, que se dizia organizada por patriotas cearenses, incorporou-se à Cadeia da Legalidade com sede no Rio Grande do Sul. Sua presença nos receptores de rádio foi motivo de regozijo popular e teve formidável repercussão em Fortaleza.

NO INTERIOR DO ESTADO

Também no interior do Ceará houve grandes manifestações públicas contra a camarilha golpista de Denys e de apoio decidido à causa da legalidade. Particularmente vigorosas foram as demonstrações havidas nas cidades de Crato, Camocim, Iguatu e Crateús.

Julião para às 18 horas, uma hora antes as cadeiras do principal salão da ABI já estavam ocupadas. Ao chegar Julião, a assistência transbordava para o saguão dos elevadores e inúmeras pessoas, no pátio inferior do edifício, não conseguiram mais entrar. Deixaram, por isso, de ouvir os discursos e a leitura do documento lido por Julião por não haver serviço de alto-falantes instalado.

A chegada de Francisco Julião, como a de Luiz Carlos Prestes, foi saudada entusiasmamente. Além do líder camponês, o dirigente comunista, fizeram parte da mesa numerosas personalidades, cujos nomes foram aclamados: desembargador Osny Duarte, general Artur Carnaúba, Sampaio Sampaio, Ciro Holanda, Prestes Melo, coronel Jocelino Brasil, Oscar Bastos Luis Bayard da Silva, Paulo Hopp, jornalista Aparício Torelli, professor Henrique Miranda, o jornalista argentino Alberto Rodriguez e o capitão Fernando Quirga, revolucionário português exilado no Brasil.

Saudado em nome do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional pelo general Artur Carnaúba, Francisco Julião deu início à sua palestra referindo-se ao movimento das Ligas Camponesas, que se está transformando num movimento de caráter nacional, depois de ter lançado suas raízes em Pernambuco e começado a espalhar-se pelo Nordeste. Ninguém mais pode ignorar este movimento — afirmou Julião. Porque ninguém mais pode ignorar a mais sentida das reivindicações dos milhões de habitantes do campo em todo o país: a liquidação do monopólio da terra, a reforma agrária.

Julião mostrou o quanto é nocivo hoje ao desenvolvimento econômico nacional o sistema de propriedade territorial dominante, constituindo-se no mais sério obstáculo ao nosso pleno progresso. Mais de 80 por cento da população do Brasil, os habitantes do campo, cerca de 40 milhões de brasileiros, estão por ele reduzidos a uma vida de

párias, mergulhados na miséria que não conhecem nem mesmo os favelados das grandes cidades. E não poderá haver reforma agrária — acrescentou — sem a destruição radical do latifúndio semi-feudal. A reforma agrária, disse, confunde-se hoje com a própria luta pela independência econômica do Brasil, e parte integrante dessa luta patriótica.

DOCUMENTO DO CONSELHO DAS LIGAS

Francisco Julião mencionou em seguida a atividade que vem sendo exercida nos últimos tempos pelo Conselho das Ligas Camponesas, formado por representantes dos trabalhadores rurais e por técnicos — economistas, agrônomos e outros especialistas. O Conselho elaborou recentemente, na base de um acurado estudo da estrutura agrária, um documento sucinto mas valioso como ponto de partida para uma definição programática pela reforma agrária.

O documento faz uma análise crítica do projeto de revisão agrária do governo paulista do sr. Carvalho Pinto, mostrando a sua inocuidade, o seu caráter demagógico, visando na verdade enganar os ingenuos. Os preços estipulados para a aquisição da terra, em São Paulo, são seriam acessíveis aos ricos — e os ricos não estão em causa no problema da reforma agrária. São os mais pobres, os que não têm terra nem dinheiro para comprá-la, que mais necessitam da reforma agrária, de uma autêntica reforma agrária. Segundo o projeto da revisão agrária do governo Carvalho Pinto, a questão jamais se solucionaria.

Outro trabalho de iniciativa oficial que merece crítica pelo Conselho das Ligas Camponesas é o plano mandado elaborar pelo governador de Pernambuco. Além de não favorecer absolutamente aos que não têm terra e querem terra para trabalhar, além de manter o regime latifundiário semi-feudal, o plano do sr. Cid Sampaio possibilita as mais escandalosas negociações com terras a

custa do Estado. Na prática, só vai favorecer amigos particulares do governador, dos homens do governo de Pernambuco, alguns latifundiários em dificuldades econômicas e que podem vender a bom preço suas terras ao Estado. Ao lavrador pobre, seria impossível a aquisição dessas terras, pois uma pequena gleba de 25 hectares custaria no mínimo 400 mil cruzeiros, quando o homem do campo no Nordeste não pode sequer comprar um par de sapatos. As despesas ulteriores para "legalização" do lote de terra subiriam a 700 mil cruzeiros aproximadamente.

Al está outro exemplo de projeto demagógico de reforma agrária, cujo objetivo é precisamente desviar a atenção do problema, fingir que ele está sendo solucionado, quando de fato está sendo agravado.

Acentua o trabalho lido e comentado por Julião o fato de três quartas partes da população nordestina, por exemplo, viverem em áreas rurais, o que constitui motivo de extrema pressão sobre os recursos da terra, única fonte de sustento e oportunidade exclusiva de trabalho para um avultado contingente de 16 milhões de pessoas. Essa pressão é acentuada por uma estrutura jurídica e econômica arcaica e injusta, destacando-se a circunstância de que cerca de 80 por cento dos lavradores trabalham em terras alheias, à mercê dos latifundiários.

Acentua o referido documento que não só os sem terras sofrem as consequências de semelhante regime, como também os pequenos agricultores, em vias de proletarização, dado o peso esmagador do latifúndio semi-feudal, que tudo alcança, tudo domina, tudo controla.

PROPOSTAS CONCRETAS

Por fim, o conferencista propôs, em nome das Ligas Camponesas, algumas medidas concretas destinadas a examinar a solução do grave problema agrário que estrangula o nosso desenvolvimento econômico. Estas medidas iniciais seriam: regulamentação do arrenda-

mento e da parceria, estabelecendo-se a expressão contratual destes tipos de relações de produção à base de prazos longos e preços módicos, com possibilidade de aforamento das terras; estabelecimento de sanções econômicas eficientes, pela tributação e outros meios, contra a concentração monopolista da terra; doação das terras em usufruto ou entrega de títulos de propriedade às cooperativas de lavradores; aplicação plena aos homens do campo dos direitos assegurados aos habitantes das cidades (leis sociais); extinção do intermediário, organizando-se centros de fornecimento de viveres para o homem do campo; reestruturação da lavoura canavieira; criação das Ligas Camponesas em âmbito nacional, etc.

A assembleia da ABI, pelo enorme interesse que despertou, pela compreensão demonstrada pelo público, suas reações prontas e inteligentes à explanação feita por Francisco Julião, deu início a uma nova fase na luta pela reforma agrária no Brasil. Da agitação passou-se agora à organização e à formulação de programa condizente com a complexidade e importância da questão. Esta não pode mais ficar afeta unicamente aos economistas e aos governos estaduais desta ou daquela unidade isolada da Federação. É um problema nacional e tem que ser en-

do e resolvido como problema nacional, com a necessária urgência. O aumento da responsabilidade do Congresso, com o parlamentarismo, exige que sejam postos de lado os interesses dos latifundistas semi-feudais que no Parlamento até hoje impediram a marcha de medidas legais pela reforma agrária. Esta-se aproximando uma época em que, se o Congresso e o governo continuarem criminalmente ausentes nesta questão vital para os destinos do país, as massas camponesas organizadas, com o pleno apoio das populações urbanas, levarão a cabo a reforma agrária com suas próprias mãos.

A assembleia da ABI foi um poderoso voto a seu favor.

Paraná: Povo Lutou em Todas as Frentes Para Derrotar Golpe Contra Democracia

CURITIBA, setembro (Da Sucursal)

Milhares de pessoas desfilarão no dia 5, pelas ruas centrais de Curitiba, comemorando já a vitória que se desenhava depois de 10 dias de crise. Um grande calxão à frente com a indicação "o golpismo morreu", marcava o caráter da manifestação que coroa um movimento que mobilizou todo o povo do Paraná, estudantes e trabalhadores, comerciantes, industriais e lavradores em defesa da Constituição e da legalidade.

A passeata se seguiu um comício durante o qual os oradores assinalaram a importância fundamental da participação dos trabalhadores e estudantes paranaenses na luta contra os golpistas e anunciaram que a vigilância em defesa da democracia e contra todos os atos que pudessem deter o processo de independência e emancipação econômica do país continuaria, reforçada agora pela experiência dos dias dramáticos em que a liberdade esteve em perigo.

O PARANÁ NA BATALHA

A renúncia do presidente Jânio Quadros, como nos demais pontos do território nacional, foi recebida com entusiasmo no Paraná. Em Curitiba e nas principais cidades do Estado o acontecimento provocou as mais desencontradas reações e, num primeiro momento, registraram-se pronunciamentos e manifestações em favor do retorno do renunciante ao posto que ocupava. Essas demonstrações iniciais de alguns setores da população paranaense, traziam em seu bojo, já, aqueles sentimentos que determinaram, depois, o aprofundamento da luta em defesa da legalidade e pela posse do sr. João Goulart na Presidência da República. Os pronunciamentos, todos, nessa fase, constituíram veementes denúncias contra o grupo reacionário de militares e civis que tentavam violar a Constituição e instalar uma ditadura fascista no país.

Na noite do dia 25 de agosto, em Curitiba, realizou-se uma grande mani-

festação popular em defesa da Constituição, convocada pelas entidades de trabalhadores e estudantes que haviam organizado a Aliança Operário-Estudantil. Daí surgiram todas as diretrizes para o movimento que empolgou a todos os paranaenses, o apelo à resistência contra o golpe e pela posse de Jânio. No dia 26, com a situação mais clara, os pronunciamentos e a ação popular começaram a se cristalizar na organização do poderoso movimento de resistência ao qual, depois, se juntaram o comando, a oficialidade e os soldados da V Região Militar.

O POVO SE ORGANIZA

Em Curitiba nasceu o movimento. Constituída a Aliança Operário-Estudantil, integrada por todas as entidades estudantis paranaenses e por 47 federações, sindicatos e associações de trabalhadores, lançada a conclamação ao povo para a organização dos comitês de resistência democrática, o movimento logo ganhou amplitude, pas-

sando a integrá-lo forças mais diversas, partidos políticos, representantes de executivos municipais, deputados estaduais e vereadores de diversas cidades.

Na Capital, o prefeito general Ibery de Matos se colocou decididamente ao lado da legalidade e patrocinou a organização do Comitê Central da Resistência Democrática, que se instalou no Paço da Liberdade, sede do governo municipal.

Da mesma forma que na Capital, nas principais cidades do interior, entre as quais Paranaguá, Londrina, Ponta Grossa, Araucária, Apucarana, Rolândia, os trabalhadores e os estudantes comandaram as demonstrações legalistas e organizaram o povo para a resistência. Em todas essas cidades foram organizados comitês e alianças para resistir ao golpe. Em Paranaguá, sob a direção dos estudantes e portuários, foi constituída a Frente Operária, que dirigiu toda a batalha da resistência com o apoio decisivo dos estudantes e dos representantes da Câmara de Vereadores. Em Londrina e Ponta Grossa, além dos estudantes e operários, os lavradores se inscreveram desde os primeiros momentos entre os soldados da legalidade, organizando comitês nas fazendas e vilas e participando das manifestações realizadas nessas cidades. Em Londrina, por exemplo, um grande comício foi realizado e dele participaram milhares de lavradores e trabalhadores agrícolas.

Na maioria das cidades do interior, destacou-se pela sua participação ativa na organização de comitês o legislativo municipal. Declararam-se em sessão permanente, emitiram pronunciamentos em favor da posse de Jânio e contra os golpistas e se inscreveram como membros atuantes dos comitês de resistência democrática. Em cidades como Londrina e Ponta Grossa, por exemplo, os presidentes das Câmaras Municipais estimularam a criação de organismos de resistência e se colocaram decididamente à frente dos mesmos.

O VOLUNTARIADO

Como no Rio Grande do Sul e em Goiás, também no Paraná verificou-se o movimento de alistamento de voluntários. Mais de 40.000 se inscreveram na capital e em algumas cidades importantes nos primeiros dias da crise. Espontâneo no início, o movimento logo passou a ser dirigido pelos comitês de resistência democrática, que inclusive entraram em contato com os comandos militares tendo em vista o aproveitamento racional dos grupos de voluntários que se organizavam.

Em Curitiba, o comparecimento de voluntários aos numerosos postos de alistamento instalados na cidade foi enorme. Só no primeiro dia o posto central, instalado na sede da Prefeitura Municipal, inscreveu mais de 5.000. Movimentação idêntica verificou-se em outras cidades do Estado, principalmente no pólo de Paranaguá e na cidade de Londrina.

Ao lado da organização do voluntariado, entidades profissionais e outras constituíram grupos especializados capazes de oferecer assistência às autoridades militares e civis. Médicos e enfermeiros se ofereceram para prestar socorro em caso de emergência.

(Conclui na 2.ª página)



Aspecto da grande passeata dos trabalhadores e estudantes cearenses contra o golpe

NOVOS RUMOS